



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores

Curso de Licenciatura em Geografia

HELDER LOPES CAVALCANTI

**DAS TÁTICAS DE CRIAÇÃO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO  
RIOTECA, VILA SANTA LUZIA, BAIRRO DA TORRE, RECIFE-PE**

Recife

2021

HELDER LOPES CAVALCANTI

**DAS TÁTICAS DE CRIAÇÃO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO  
RIOTECA, VILA SANTA LUZIA, BAIRRO DA TORRE, RECIFE-PE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wedmo Teixeira Rosa

Coorientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa

Recife

2021

Ficha elaborada pela bibliotecária Maria do Perpétuo Socorro  
Cavalcante Fernandes CRB4/1666

C377t

2021 Cavalcanti, Helder Lopes

Das táticas de criação á requalificação do espaço público RioTeca, Vila Santa Luzia, bairro da Torre, Recife – PE. Helder Lopes Cavalcanti. --- Recife: O autor, 2021.

107f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança - DASS, 2021.

Inclui Referências.

Orientador: Professor Dr. Wedmo Teixeira Rosa

HELDER LOPES CAVALCANTI

**DAS TÁTICAS DE CRIAÇÃO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO  
RIOTECA, VILA SANTA LUZIA, BAIRRO DA TORRE, RECIFE – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 23 de setembro de 2021 pela Banca Examinadora:

---

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO) – Orientador  
Doutor em Geografia – UFPE

---

Aduto Gomes Barbosa (IFPE/CGEO) – Coorientador  
Doutor em Geografia – UFPE

---

Izabella Galera (UFPE/DAU) – Examinadora Externa  
Doutora em Arquitetura e Urbanismo – UFMG

---

Mário Ferreira da Silva Mélo (IFPE/CGEO) – Examinador Interno  
Mestre em Geografia – UFPE

Recife – PE

2021

Dedico essa monografia a minha família, em especial a minha mãe que foi fundamental na minha trajetória até aqui. Também dedico esse trabalho a comunidade da Vila Santa Luzia, meu lugar de origem, onde aprendi a viver. E ao IFPE, que me abriu as portas para a ciência.

## AGRADECIMENTOS

Foram muitas pessoas que somaram na minha caminhada até aqui, sabendo da minha memória inconfiável, deixo de antemão um agradecimento especial a todos e todas que se sintam atingidos por esse agradecimento, para cada um e cada uma que me deu forças para conseguir concluir esse passo da minha vida, meu sincero obrigado.

Todavia, essa pesquisa não seria possível sem o direcionamento e apoio dado pelo Professor Dr. Aduino Gomes Barbosa por quem sou grato pelos ensinamentos ofertados. Também sou muito grato a todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE, em especial: a professora Clézia Braga, que teve muita paciência comigo no início do curso; ao professor Nielson Bezerra, que sempre soube reconhecer o lado humano de cada estudante; ao professor Anselmo Bezerra, que além de ótimas aulas ainda garantia ótimos passes no basquete; ao professor Enildo Gouveia, que propiciou ótimas aulas de campo; a professora Fernanda Guarany, que mesmo em seus momentos mais difíceis, foi durante todo o curso um refúgio para todos os estudantes devido ao seu carinho e compreensão incondicionais; a professora Edlamar Santos que foi de grande ajuda na elaboração do pré-projeto que deu origem a esta monografia; ao professor Wedmo Rosa, que assumiu a orientação desse trabalho e me ajudou a superar os desafios que surgiram nesse processo.

Também menciono aqueles que colaboraram diretamente com a pesquisa, concedendo arquivos, materiais e entrevistas: Claudemir Amaro da Silva; Sandy Vieira; Rafael Nigro; Ingá Maria; Maria Beatriz.

Contudo, não posso deixar de mencionar meus amigos pessoais que direta ou indiretamente foram importantes no caminho até aqui. Começo citando aqueles que eu conheci no IFPE e levarei para toda a vida: Uila Sena, Gabriel Santana, Rodrigo Eduardo, Deyse Ferreira, Gabriel Victor, Ayrton Luiz, Fernando Lira, Karol Araújo, Arthur Luna, João Marcelo, Alice Martins, Daniel Vale, Natália Rodrigues, Carlos Alberto, Milton Jr., Maria Beatriz, Vicente NaVida, Fábio e todos aqueles que esqueci de mencionar. Além destes, tem aqueles que tenho um carinho especial e já estavam comigo desde antes da faculdade, muito obrigado pelo apoio: Manu, Douglas, Aleff, João, Alana e todos aqueles que compõe as noites no manguê da Vila Santa Luzia.

*“Pouca coisa mudou  
O responsável pela nossa tragédia não assimilou  
Que pra mudar é necessário mais que um discurso  
[...]  
Vivemos da democracia que não funciona  
Condição social que aprisiona  
[...]  
Vem, vem aqui combater a consequência de  
política de ausência  
que resulta em violência  
Se o foco não for mudado, não terão resultado  
e o ódio na juventude é uma tendência  
Sem escola, sem escolha  
Expectativa de vida até que o crime te recolha  
Vários do lado do bem, são empurrados pro mal  
vítimas da convulsão social”*

*(MVBILL, 2010)*

## RESUMO

Esta dissertação se debruça sobre a história do surgimento, consolidação e requalificação da praça e biblioteca urbana RioTeca. De modo qualitativo, a pesquisa analisa a história do território onde está localizada a RioTeca, a fim de compreender as motivações que originaram a praça, os obstáculos desse processo e os avanços dessa ação. Para isso foi necessária uma pesquisa bibliográfica e documental, aplicação de questionário com o público usador da praça e entrevistas com agentes relevantes. Assim, este trabalho abordou a intrínseca relação entre o surgimento da RioTeca e a favela Abençoada por Deus, que, por meio da reconstituição de eventos históricos da área, permitiu identificar e compreender táticas urbanas implementadas pelo morador que construiu a praça. Além disso, foi analisada a relação entre a RioTeca e o Estado partindo do processo de reconhecimento desse espaço público até o processo de regularização e requalificação da praça, que foi executado pela Prefeitura da Cidade do Recife.

**Palavras-chave:** Espaço Público. Urbanismo Tático. Praça. RioTeca

## **ABSTRACT**

This dissertation focuses on the history of the emergence, consolidation and requalification of the RioTeca square and urban library. In a qualitative way, the research analyzes the history of the territory where RioTeca is located, in order to understand the motivations that originated the square, the obstacles in this process and the advances in this action. This required a bibliographical and documental research, application of a questionnaire with the public using the square and interviews with relevant agents. However, the intrinsic relationship between the emergence of RioTeca and the favela Abençoadá por Deus was addressed, thus, through the reconstitution of historical events in the area, it is possible to identify and understand urban tactics implemented by the resident who built the square. Consequently, the relationship between RioTeca and the State was analyzed from the process of recognition of this public space, to the process of regularization and requalification of the square, which was carried out by the Recife City Hall.

**Keywords:** Public Space. Tactical Urbanism. Square. RioTeca

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Praça RioTeca antes da reforma de requalificação – 2019 .....	16
Figura 2 – Praça RioTeca após a reforma de requalificação – 2021 .....	17
Figura 3 – A favela Abençoada por Deus, margem direita do rio Capibaribe, no bairro da Torre, Recife-PE.....	29
Figura 4 – Palafitas construídas de materiais diversos, na margem direita do rio Capibaribe ao lado da ponte que liga a Vila Santa Luzia na Torre ao bairro de Santana, Recife-PE .....	31
Figura 5 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, bairro da Torre, Recife-PE, 2002 .....	32
Figura 6 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, no ano de 2007.....	34
Figura 7 - Imagem de satélite da margem direita do Capibaribe após a remoção da favela Abençoada por Deus, em 2009.....	37
Figura 8 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, agosto de 2015 .....	40
Figura 9 – Incêndio na favela Via Mangue da Torre, início de 2016.....	41
Figura 10 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, maio de 2016.....	42
Figura 11 – Incêndio na favela Via Mangue da Torre, final de 2016.....	43
Figura 12 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, maio de 2017 .....	45
Figura 13 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, fevereiro de 2019 .....	45
Figura 14 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, setembro de 2020 .....	46
Figura 15 - Paisagem desigual no bairro da Torre – 2007.....	50
Figura 16 – Mudanças de árvores recém plantadas no espaço da RioTeca, 2010 .....	53
Figura 17 – Mangue reconstituído na margem direita do Rio Capibaribe, 2021 .....	54
Figura 18 – Capivaras descansando na margem do Rio Capibaribe na praça RioTeca, abril de 2016 .....	55
Figura 19 – Imagem de satélite com a delimitação das primeiras ações no espaço da RioTeca, novembro de 2009 .....	56
Figura 20 – Apresentação em paralelo das duas primeiras intervenções territoriais após a remoção da favela Abençoada por Deus, ano de 2010.....	57
Figura 21 – Primeiro Letreiro da biblioteca da praça RioTeca .....	59
Figura 22 – Crianças leem na biblioteca improvisada da RioTeca, Vila Santa Luzia, 2017 ...	61
Figura 23 – Praça RioTeca no Natal, 2015.....	62
Figura 24 – Imagens do circuito de câmeras de segurança da praça RioTeca, ano de 2018....	63
Figura 25 – Disposição espacial do mobiliário da praça RioTeca, Vila Santa Luzia, abril de 2017 .....	64
Figura 26 – Visão interna da RioTeca .....	65
Figura 27 – Eventos realizados na praça RioTeca.....	66
Figura 28 – Estudantes em aula na praça RioTeca.....	67
Figura 29 – Contadora de histórias infantis na praça RioTeca.....	68
Figura 30 – Biblioteca RioTeca abarrotada de livros, ano de 2018 .....	69
Figura 31 – Praça RioTeca decorada para festividades .....	70
Figura 32 – Parque infantil da RioTeca, 2017.....	72

Figura 33 – Print de postagem na rede social Instagram, pagina Recife Ordinário faz post sobre notificação da praça RioTeca utilizando reportagens do JC e NE1 .....	76
Figura 34– Área desmatada para a construção do Parque das Graças, na margem esquerda do Rio Capibaribe, bairro das Graças, 2021 .....	81
Figura 35 – A linha aponta o caminho para o rio na RioTeca, em vermelho as “barreiras” que dificultavam o acesso ao rio .....	84
Figura 36 – Lista de demandas da comunidade para a revitalização da RioTeca .....	85
Figura 37 – Planta do primeiro projeto apresentado para os usuários da RioTeca.....	87
Figura 38 – Renderização do primeiro projeto proposto para a RioTeca, destaque para a biblioteca de madeira e as mesas no lugar original do parque infantil.....	87
Figura 39 - por Equipe Imersão RioTeca: O que desejamos para a RioTeca.....	88
Figura 40 - Renderização do projeto de requalificação da RioTeca, destaque para a nova biblioteca .....	89
Figura 41 - Renderização da praça RioTeca requalificada.....	90
Figura 42 – Principais concepções urbanísticas do projeto de requalificação .....	90
Figura 43 – Morador acompanha as obras da RioTeca .....	92
Figura 44 - Placa RioTeca na nova estrutura da praça .....	93
Gráfico 1 – Avaliação da estrutura física da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021.....	94
Gráfico 2 – Avaliação da necessidade da obra de requalificação da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021 .....	95
Gráfico 3 – Avaliação das mudanças da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021.....	96
Gráfico 4 – Principais atrativos da praça RioTeca, segundo seus usuários – 2021 .....	97

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

IFPE – Instituto Federal de Pernambuco

PCR – Prefeitura da Cidade do Recife

PDMR – Plano Diretor do Município do Recife

CFB – Código Florestal Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL.....</b>	<b>20</b>
3.1	ESPAÇO PÚBLICO, (RE)TERRITORIALIZAÇÃO .....	21
3.2	A RIOTECA COMO MODELO PARA OS PLANEJADORES URBANOS: AS POSSIBILIDADES DO URBANISMO TÁTICO .....	23
<b>4</b>	<b>VILA SANTA LUZIA EM CONTEXTO .....</b>	<b>29</b>
4.1	A FAVELA ABENÇOADA POR DEUS .....	29
4.2	OBRAS DE URBANIZAÇÃO .....	35
4.3	O PROCESSO DE REOCUPAÇÃO NA VILA SANTA LUZIA.....	38
4.3.1	<i>Corrida pelo território .....</i>	<i>38</i>
<b>5</b>	<b>RIOTECA: UM ESPAÇO PÚBLICO DE FATO .....</b>	<b>47</b>
5.1	O SURGIMENTO DE UMA LIDERANÇA .....	47
5.2	RIOTECA, UMA OUTRA FORMA DE VER O ESPAÇO.....	51
5.3	DAS TÁTICAS DE CRIAÇÃO.....	58
<b>6</b>	<b>A RIOTECA E O ESTADO .....</b>	<b>74</b>
6.1	RIOTECA, O INIMIGO AGORA É OUTRO .....	74
6.2	O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO? .....	77
6.3	RIOTECA X PARQUE CAPIBARIBE.....	79
6.4	À REQUALIFICAÇÃO .....	82
6.4.1	<i>Concepções e Projetos .....</i>	<i>84</i>
6.4.2	<i>As obras de requalificação.....</i>	<i>91</i>
6.4.3	<i>RioTeca inicial x RioTeca requalificada.....</i>	<i>92</i>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>
	<b>APÊNDICE A – PAUTA DAS ENTREVISTAS (AGENTES RELEVANTES) .....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise de um espaço público ou espaço livre público, se tratando mais especificamente de uma praça pública, que foi originada a partir de uma intervenção urbanística e territorial de caráter comunitário, na Vila Santa Luzia, bairro da Torre, Recife-PE. A linha de pesquisa, iniciou a partir do estudo histórico do espaço onde está localizada a praça RioTeca, tendo como objetivo analisar a origem, motivações, obstáculos e avanços relacionados à criação do espaço público RioTeca, além de compreender as etapas do território onde a praça está inserida, as formas de uso implementadas nesse espaço nas últimas duas décadas, seus desdobramentos sociais, políticos e morfológicos, emergindo assim as causas que serviram de gatilho para o início da apropriação e (re)territorialização desse espaço.

Um dos produtos dessa simbiose de acontecimentos, é a RioTeca. À medida que aprofundarmos as questões sobre a referida praça, passarão a ser analisadas as táticas urbanas que foram utilizadas pelos moradores com o intuito de aproximar as pessoas ao espaço, gerando assim um sentimento identitário de pertencimento, acolhimento e integração entre a comunidade do entorno e a praça RioTeca. Contudo, outras táticas urbanísticas também serão vislumbradas – essas mais de caráter político – referindo-se as que proporcionaram o embasamento e a legitimidade para a permanência territorial da praça RioTeca, que posteriormente foi oficializada pelo poder municipal, que em seguida, executou uma reforma que deu ao espaço uma nova morfologia.

Conforme o contexto empírico observável das relações sociais no universo das cidades inseridas no contexto urbano brasileiro, o presente trabalho pretende apresentar um exemplo de urbanismo tático que pode servir de inspiração para decisões projetuais do poder público em obras que possuam um caráter comunitário, como locais de lazer, praças e afins. Sendo uma característica do Urbanismo tático a possibilidade de replicação em cenários semelhantes, esse modelo parte diretamente da adoção de relações horizontais de apropriação territorial, que podem existir a partir de iniciativas populares ou de ações governamentais, desde que com objetivo de criar um espaço público comunitário, podendo ser entendida por meio da noção de Urbanismo Tático devido as ações implementadas no espaço, objetivando a promoção da cidadania.

Essa possibilidade surge como realidade no equipamento urbano RioTeca, e partir da análise deste espaço público, surgiu o questionamento de como fazer com que a população se sinta no direito de intervir em espaços públicos ociosos, transformando-os em espaços com

função social. Por isso, foi feita uma análise da origem, motivações, obstáculos e avanços relacionados à criação deste espaço público. Contudo, o caminho traçado nesse trabalho segue especificando o espaço estudado, com regressão histórica, fundamental para entender os tipos de uso que esse território já possuiu. Portanto, a análise do surgimento da RioTeca não define um caminho único e universal para a promoção do direito à cidade e apropriação territorial por meio de ações táticas, mas, aponta um caminho viável para ambientes vulneráveis através das táticas utilizadas nessa ação.

Partindo dessa questão, foi necessária uma análise do processo de apropriação, criação e consolidação do espaço público RioTeca, a fim de elucidar as origens, motivações, os obstáculos do processo e os avanços proporcionados pela iniciativa. É importante ressaltar que essa iniciativa conta com um agente chave em seu processo de criação, um morador em especial, que com sua força de trabalho consertou e agregou ao espaço vários mobiliários e, assim, deu vida a um lugar que hoje está consolidado nas margens do rio Capibaribe. Mas como e por que isso aconteceu? São questionamentos que movem essa pesquisa.

O convívio e interação social nas metrópoles ao redor do mundo, durante as últimas décadas, vem se tornando cada vez mais raro e distante devido aos novos meios de comunicação proporcionados pela revolução técnico científico e informacional, conseqüentemente, os espaços de convivência coletiva ou espaços públicos, como as praças, vêm sofrendo um esvaziamento por parte da sociedade que não se sente mais atraída a usufruir desses espaços para o lazer. Soma-se a esse processo as restrições de convivência que foram impostas pela pandemia da Covid-19, tornando ainda mais esvaziadas as praças e parques públicos, mas dessa vez por uma questão sanitária. Cabe observar o cenário pós-pandêmico para concluir se o público voltará a frequentar espaços públicos com mais intensidade devido ao processo de confinamento, ou se esse processo somente consolidou o esquecimento dos possíveis usos que a cidade proporciona.

O modo de vida da burguesia leva a uma tendência de restrição social, em forma de negação à cidade são erguidos muros, são invisibilizadas questões sensíveis das paisagens excluídas dos centros urbanos. Não é característica marcante da burguesia a afetividade espacial, esta é uma característica comumente ligada a população mais pobre, que vive em bairros composto por casas, onde o sentimento de união territorial se desenvolve. São nesses espaços que se intensificam as possibilidades de surgimento de ações coletivas, cidadãs. Para Souza (2013), o bairro pode ser compreendido dentro de uma dimensão simbólica e até mesmo identitária, isso por sua vez, proporciona uma união maior entre os membros desses lugares.

Isto pode ser visto de maneira latente na cidade do Recife e serve de lastro para que surjam iniciativas comunitárias dentro dos bairros, buscando melhorias para a população que lá reside.

A negação à cidade faz parte do modo de vida agitado nas grandes cidades, desse modo se tornou comum a paisagem esvaziada dos espaços públicos, onde em contexto de pobreza nos países com traços marcantes de desigualdade social, como no caso do Brasil, se tornam, muitas vezes, refúgio para pessoas em situação de rua. As praças são espaços públicos que geralmente possuem os já conhecidos equipamentos básicos: bancos, mesas, brinquedos, vegetação etc. Porém parecem não ser suficientes para atrair, como outrora fez, a população das cidades. O objeto de estudo deste trabalho é um espaço público que destoa da lógica dos espaços públicos pensados pela gestão do município e se caracteriza pela sua apropriação popular por parte dos moradores de seu entorno. A linha do tempo desta pesquisa parte dos fatores originários da praça original (figura 1), construída pela comunidade com liderança de um morador, e finaliza na obra de requalificação do espaço que foi proposta e executada pela Prefeitura do Recife (figura 2).

Figura 1 – Praça RioTeca antes da reforma de requalificação – 2019



Fonte: Silva (2010-2019).

Figura 2 – Praça RioTeca após a reforma de requalificação – 2021



Fonte: O autor (2021).

A lógica que engendrou o espaço público RioTeca, parte inicialmente da promoção de elementos e equipamentos que – em sua maioria – são preteridos pelos planejadores urbanos em obras públicas executadas pelo Estado, seja pela falta de estratégia para o incentivo popular à apropriação de espaços públicos ou pela negação da necessidade de implantação de equipamentos que gerariam impacto positivo para quem usa as áreas de lazer da cidade.

Entendendo essa questão, por fim, passa a ser analisada a relação da praça RioTeca com o Estado, que entreviu no local por meio da obra de requalificação da praça. A ação intervencionista do Estado acabou gerando um conflito inicial, devido a forma com que foi conduzido o processo de reconhecimento da RioTeca enquanto espaço público de lazer da cidade do Recife. A partir daí, passa a ser objeto de análise o projeto de requalificação, suas concepções, obstáculos e avanços, execução e resultados.

## 2 METODOLOGIA

Para responder o problema de pesquisa e atender aos objetivos estabelecidos neste trabalho, foi necessário seguir pelo caminho da pesquisa exploratória e descritiva, sendo um estudo de caso sobre o fenômeno singular RioTeca e seguindo uma abordagem qualitativa do problema. Foi por meio de uma pesquisa aprofundada sobre a historicidade da praça RioTeca, bem como do território onde está inserida, além dos principais atores desse processo, que se fez viável o processo de elucidação das táticas urbanas que garantiram a soberania territorial da RioTeca como espaço público de lazer para a comunidade da Vila Santa Luzia no Recife. Os agentes desse processo de construção do espaço, suas motivações políticas, as táticas urbanas empregadas na consolidação da praça RioTeca, além de outros aspectos relevantes dessa intervenção urbana, foram guiados por meio de um caminho metodológico complexo.

Afim de contextualizar as formas de uso do solo da margem direita do rio Capibaribe, na altura da Vila Santa Luzia, bairro da Torre, Recife, onde hoje está localizada a RioTeca, se fez necessário o levantamento de matérias e notícias veiculadas em mídias eletrônicas de Pernambuco (Jornal do Comercio, Diário de Pernambuco, Marco Zero Conteúdo, dentre outras) sobre a área estudada, inclusive analisando um recorte temporal anterior a criação da RioTeca. Assim foi possível compreender a realidade social enfrentada pelos moradores da Vila Santa Luzia à época, dados relevantes para o andamento da pesquisa. Tais dados são referentes à antiga comunidade que existia no local, a comunidade “Abençoada por Deus”, que se tratava de uma grande favela, composta por moradias precárias, que em sua maioria era formada por barracos de madeira e palafitas que se debruçavam sobre o Capibaribe, onde lá residiam até o ano de 2008 mais de 800 famílias (RECIFE, [2007]).

Com objetivo de visualizar espacialmente os tipos de uso desse solo, que já foi usado para moradia no passado e atualmente comporta uma praça com biblioteca em um de seus recortes, fez-se necessária a busca por imagens de satélite da região em foco. As imagens foram levantadas nas plataformas: ESIG Informações Geográficas do Recife, da Prefeitura do Recife; e no Google Earth Pro. As imagens fazem um registro histórico do uso e ocupação desse solo, com início na comunidade Abençoada por Deus nos anos de 2002 e 2007, e posteriormente após a retirada da comunidade, segue com imagens da área de 2009 à 2021, que evidenciam a evolução da paisagem dessa região ao longo dos anos.

Vislumbrando analisar as táticas de transformação urbana que foram implementadas pela comunidade na construção da RioTeca, recorreu-se ao uso da ferramenta de questionário

que foi direcionado ao público usuário<sup>1</sup> da praça, possuindo um universo de 21 respostas. Para analisar os obstáculos e avanços referentes à RioTeca, tanto em relação a primeira fase de implantação desse espaço público, quanto ao contexto atual após a requalificação executada pela Prefeitura da cidade do Recife, foram feitas entrevistas semiestruturadas<sup>2</sup> com dois grupos: em um primeiro momento foi entrevistado o morador e criador da RioTeca Claudemir Amaro; em seguida a entrevista foi direcionada a arquiteta e o engenheiro responsáveis pelo planejamento e execução da obra de requalificação da praça. Os grupos foram selecionados com o objetivo de se encontrar o contraditório. Por um lado, temos a visão do construtor original do espaço, que sem projeto técnico e de modo empírico criou uma área de lazer coletiva e, em outra parte, a visão do poder público sobre a obra de requalificação do espaço, onde foram extraídas informações referentes às concepções do projeto, aproximação com o fenômeno, planejamento e execução da obra.

Para registrar a mudança na paisagem da praça ao longo dos anos e descobrir em que momentos foram instalados os equipamentos na praça, foi feita uma busca nos arquivos de mídia fotográfica da RioTeca junto ao Claudemir Amaro, que registrou o processo de evolução da biblioteca urbana.

Além das entrevistas, e buscando entender a legalidade de construções em margens de rio, como é o caso da RioTeca, se fez necessária uma análise documental do marco legal que envolve o uso do solo na cidade do Recife. Nessa fase foram analisados documentos importantes como o Código Florestal Brasileiro e o Plano Diretor do Município do Recife.

---

<sup>1</sup> Conforme orientado pelo Coorientador desta pesquisa, foi entendido que o termo “usuário” é semanticamente mais apropriado, pois o sufixo “or” designa melhor quem pratica a ação, neste caso o uso e apropriação do espaço público RioTeca, ao passo que o termo usuário é mais genérico e está muito relacionado ao acesso a determinados espaços por meio do pagamento de uma taxa ou tarifa. Pensando o espaço público como o espaço por excelência do exercício da cidadania, o termo usuário é mais específico e apropriado. Carrega consigo uma riqueza semântica vinculada às práticas dos indivíduos de forma livre, espontânea e ao mesmo tempo carregada de intencionalidade de promover uso e apropriação do espaço público. Por sua vez, isso tem tudo a ver com a perspectiva do urbanismo tático.

<sup>2</sup> Antes da realização da entrevista semiestruturada, foi apresentado aos colaboradores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado antes da concessão da entrevista. Todos os três entrevistados – Claudemir Amaro da Silva, Sandy Vieira da Silva e Rafael Nigro – autorizaram a utilização de seus nomes neste trabalho.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Do ponto de vista da geografia, esse trabalho se encontra dentro da área de pesquisa da geografia urbana, pois tem como objeto de estudo um equipamento urbano dentro do contexto da cidade do Recife. Desse modo, conceitos importantes que permeiam os estudos da geografia urbana se fazem necessários para que esse processo seja abordado de forma mais aprofundada, buscando uma visão totalizadora do fenômeno. Tal visão pretende responder questões relativas ao processo de criação do espaço, consolidação e requalificação.

Dentre os conceitos a serem utilizados, se destacam as noções de Espaço Público (GOMES, 2012, 2018; MESQUITA, 2018; BORJA; MUXÍ, 2003) que servirão para a maior compreensão desse tipo de espaço e sua função na cidade; Morfologia Urbana (LAMAS, 1993), com as questões relativas à morfologia da praça (forma), que serão importantes para embasar questões ligadas as formas de uso e possibilidades que a praça em sua configuração morfológica original dava aos seus usuários, sendo que essa, também se fará importante na abordagem de um possível contraponto entre a antiga forma da RioTeca e seus usos, como a nova “roupagem” que a praça RioTeca recebeu após a requalificação por parte da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR); Território e Multiterritorialidade (HASBAERT, 2007), já que visão que o autor apresenta é muito importante para o entendimento da complexidade deixada pela remoção da favela Abençoada por Deus. O espaço sofre mudanças, apropriações, desapropriações e reapropriações, a RioTeca faz parte de um recorte dentro de um território maior, que sofreu/sofre diversos processos de territorialização e “desterritorialização”, além da relação conflituosa do uso do solo para moradia, preservação ambiental, áreas de lazer e etc. entre populares e poder público do município; Direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) é uma noção fundamental, que em consonância com a noção de bairro apontada por Souza (2013) funcionará como guia teórico para ressaltar a função social na construção da cidade, passando pela necessidade de uma sociedade mais ativa na tomada de decisões urbanas, e possibilitando o agir de modo proativo na construção do meio urbano. Essas ações práticas, serão analisadas sob a ótica da noção de Urbanismo tático (MACÊDO; ALMEIDA, 2015; NOGUEIRA, 2017), pois foram ações pontuais na RioTeca que garantiram vitórias importantes para o lugar.

### 3.1 Espaço público, (re)territorialização

A RioTeca é um espaço público, logo, essa noção aparece como uma categoria inicial do trabalho para análise do tema, mas qual noção teórica sobre espaço público se encaixa no fenômeno complexo da RioTeca? Bom, na geografia segundo aponta Gomes (2018), o conceito de espaço público ou espaços públicos aparece de modo genérico, geralmente se referindo a áreas urbanas abertas, contudo, outros autores apontam para o espaço público como um espaço do exercício pleno da cidadania (MESQUITA, 2018; BORJA; MUXÍ, 2003), já que o espaço público possibilita troca de saberes, debate de ideias, lazer etc. De certa forma, é no espaço público onde se manifesta a democracia, o estímulo do respeito ao outro, e também é onde ocorrem os debates, os conflitos políticos e o exercício do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001). A respeito do contato social possibilitado por espaços públicos Mesquita (2018. p,89) escreve:

O contato casual ou voluntário entre os cidadãos deve ser prioridade no contexto urbano, tendo em vista que o reconhecimento recíproco entre os indivíduos e os grupos estabelece não apenas uma relação de pertinência ao lugar, mas também incrementa a capacidade de tolerância, de inclusão do outro, de respeito às diferenças étnicas, sociais e culturais.

Desse modo, fica reforçado a importância espacial, social e política que os espaços públicos representam, e dentro dessa gama de análises a respeito do tema, aprofundaremos a discussão com base em Gomes (2012), que conceitua o processo de análise de espaço público em duas compreensões: a primeira diz respeito a preocupação sobre o planejamento urbano em respeito aos aspectos físicos (praças, parques, jardins, equipamentos etc.); já a segunda, parte da compreensão do espaço em sua dimensão teórica, que analisa o espaço a partir das relações políticas que ocorrem nesse substrato físico. Ainda segundo o autor, raros são os trabalhos que fazem a síntese (união) entre esses dois direcionamentos.

Para uma compreensão aprofundada do fenômeno urbanístico RioTeca, se faz necessário o esforço de união entre essas concepções citadas, já que a geografia como ciência da realidade espacial, social e política, não pode se restringir ou preferir posições teóricas que soam relevante para o entendimento do objeto estudado.

A despeito dessa constatação, quer-se afirmar aqui uma incontornável dimensão espacial do fato político que deveria ser contemplada justamente por meio dessa noção de espaço público. Ousa-se também dizer que uma abordagem propriamente geográfica do espaço público pode demonstrar exatamente a necessidade de estabelecer um diálogo profundo entre estas duas

dimensões: a física e a abstrata, a da prática urbanística e a das teóricas análises do politólogos. (GOMES. 2012, p. 20)

É clara a importância da discussão teórica sobre espaço público, pois é nele onde ocorrem as relações sociais e políticas que também iremos abordar. Neste sentido o espaço público aparece como conceito-chave, servindo de base para os outros fenômenos que iremos discutir.

As diversas abordagens teóricas que dialogam sobre espaços públicos, de certa forma, convergem para um ponto em comum, que é a caracterização de um espaço livre público que pode receber elementos que estimulem a permanência, o lazer, a sociabilidade, o esporte e que, conseqüentemente, propicia o pluralismo étnico, cultural e social em áreas comuns e democráticas. Esses espaços possuem regras, que podem ser formais (escritas em forma de lei) ou até mesmo sociais (com base em noções empíricas).

Pontos semelhantes, tamanho e características de uso, dão aos diferentes espaços públicos nomenclaturas diferentes. Este trabalho aprofunda a noção de praça que, conforme sugere Lamas (1993), é um elemento morfológico presente nas grandes cidades ocidentais, que se diferencia de outros espaços pela sua organização espacial e intencionalidade de desenho. Ainda de acordo com Lamas (1993, p 102), “a praça é o lugar internacional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”. Para que atenda a necessidade de permanência, é fundamental elementos acolhedores em uma praça pública, também é importante elementos que garantam a segurança dos usuários e vegetação que proporcione bem-estar dentro de centros urbanos. Ao longo do trabalho essas questões serão colocadas em pauta.

Em resumo, a abordagem referente a noção de espaço público é feita de maneira ampliada, com relevância para os aspectos morfológicos da paisagem da praça RioTeca, bem como as questões políticas que perpassam pela apropriação, utilizações e conflitos. Outro ponto importante, é a função social do espaço público, fundamental para o exercício da cidadania. A oferta de praças públicas dentro das cidades é um elemento muito importante e em muitos casos negado para as comunidades pobres. Essa função social é potencializada exatamente pela presença de elementos espaciais no espaço que trabalham nesse sentido, daí a relevância da análise morfológica da praça. No caso da RioTeca, um elemento fundamental para a consolidação do espaço como potencial eixo de mudança social para a comunidade é,

indiscutivelmente, a presença da biblioteca, que aliada ao parque para as crianças, inclui na vida do povo humilde da Vila Santa Luzia elementos antes negados para essa população.

A incorporação desses elementos à paisagem da RioTeca pode ser entendida também como uma espécie de tática urbana e esse ponto aprofundaremos no próximo tópico.

### **3.2 A RioTeca como modelo para os planejadores urbanos: as possibilidades do Urbanismo tático**

Para além da conceituação de espaço público e/ou praça, pretende-se também compreender o processo de criação da praça, vislumbrando quais táticas foram aplicadas no espaço a fim de legitimar e garantir territorialmente à RioTeca frente às diversas forças que conflitavam na disputa territorial desse espaço livre público. Dessa forma, aparece de modo recorrente neste trabalho a noção de urbanismo tático, que pode ser um caminho conceitual importante para a compreensão das atitudes tomadas por um morador em especial, o Claudemir Amaro. Claudemir - que é como iremos nos referir a ele daqui pra frente - é considerado o “pai” da RioTeca, pois foi desse morador que partiu a iniciativa de construção da praça. Ao longo dos anos, e com as iniciativas práticas desenvolvidas por Claudemir, a praça foi ganhando forma e legitimidade perante a comunidade, sociedade e mais a frente, diante da PCR que garantiu a permanência do equipamento urbanístico.

A partir desse ponto, passa a ser foco deste trabalho a identificação das táticas utilizadas pela comunidade para a intervenção e criação do espaço, bem como as ações pontuais que garantiram a viabilidade e a permanência da praça RioTeca. Para isso, a pesquisa bibliográfica sobre o tema foi fundamental, pois ajudou a elucidar questões sobre noções e conceitos de novas possibilidades de formas de se planejar o meio urbano, onde a sociedade age de modo prático e se torna agente relevante no “fazer” a cidade.

Uma concepção teórica que contribuiu na compreensão da temática é a do Urbanismo Emergente. Sobre o assunto, Freire (2009) escreve, “El urbanismo emergente se contrapone, o al menos complementa, a la planificación urbanística convencional.”<sup>3</sup>. Essa forma de participação cidadã na tomada de decisões urbanas se alia ao uso da tecnologia, em forma de plataformas digitais, que possibilita tanto ao gestor público quanto ao cidadão comum

---

<sup>3</sup> “O urbanismo emergente se opõe, ou pelo menos complementa, o planejamento urbano convencional” (tradução nossa)

“apropriarse de la información para la exploración de la ciudad y la toma de decisiones”<sup>4</sup>. A relação entre o urbanismo emergente e a prática cidadã é ressaltada por Freire (2009), para que fique claro que o papel do cidadão nesse processo não está restringido ao “opinar”, mas sim à prática direta na construção da cidade.

Lo emergente surge en gran medida de modo auto-organizado como consecuencia de la interacción y colaboración de grupos humanos amplios y diversos, como los que habitan las ciudades. En este sentido, la participación ciudadana surge como motor del proceso, pero entendida no solo como debate y deliberación, sino especialmente como acción directa en la “construcción” de la ciudad. (FREIRE, 2009)<sup>5</sup>

De certa forma, o Urbanismo Emergente surge em um momento novo, utilizando a conectividade e toda a possibilidade de interação que a internet disponibiliza para a construção de um meio urbano democrático e participativo. Trazendo para a realidade da RioTeca, quase que a totalidade da teoria trazida por Freire (2009) se aplica, entretanto, quando pensamos no uso da tecnologia, neste caso, acontece de modo mais simplório, ficando restrito as páginas nas redes sociais que carregam o nome da praça e são administradas por Claudemir. No meio digital são compartilhadas as vivências do dia a dia da praça, sua evolução enquanto espaço, a resolução de possíveis conflitos, além da paisagem do lugar.

Embora a questão da tecnologia seja um empecilho na aplicabilidade do que teoriza Lamas (2009), a atuação direta do cidadão na construção da cidade representa um rompimento com o modelo tradicional de planejamento urbano que tende a frear as evoluções urbanas, devido as falhas dos projetos que por vezes não atendem as reais necessidades das pessoas, e também pela mentalidade tradicional de gestores e *designers* que permeia os projetos urbanos que geralmente é executado por arquitetos e engenheiros. Diante de um direcionamento de imagem que os detentores do poder de decisão urbana impõem para a cidade, Freire (2009) destaca:

La imagen oficial de la ciudad tiende a centrarse en las consecuencias de la planificación y en la parte tangible que representan la arquitectura y las infraestructuras “duras”. De este modo, la ciudad informal o emergente tiende a pasar desapercibida. Pero, si somos capaces de realizar una lectura más amplia y profunda de los procesos urbanos descubrimos que es posible aprender de la ciudad informal, y que este tipo de procesos “no oficiales” o

<sup>4</sup> “se apropriarem das informações para a exploração da cidade e a tomada de decisões”. (tradução nossa)

<sup>5</sup> O emergente surge em grande parte de forma auto-organizada como resultado da interação e colaboração de grupos humanos amplos e diversos, como aqueles que habitam cidades. Nesse sentido, a participação cidadã emerge como motor do processo, mas entendida não apenas como debate e deliberação, mas especialmente como ação direta na "construção" da cidade. (tradução nossa)

“no planificados” tienen una importancia mayor de la que nos proporciona la visión convencional<sup>6</sup>

A mudança de paradigma na produção do meio urbano perpassa uma grande transformação da lógica ditada pelo poder público na apropriação, gestão e manutenção dos espaços públicos, que devem ter como principal objetivo a promoção da cidadania, tornando o ambiente democrático.

Outro caminho conceitual que pode ajudar no entendimento da construção da praça RioTeca é o Urbanismo Tático, que segundo Macêdo e Almeida (2015) passa a ser caracterizado através de intervenções desenvolvidas pela população em espaços públicos que, geralmente, são ações que tem por objetivo resolver questões da vida urbana cotidiana. Nogueira (2017, p.92), coloca que

As ações de urbanismo tático estão ligadas à apropriação de espaços públicos subutilizados ou terrenos baldios pelas próprias populações locais. Na maioria das vezes elas envolvem a construção de protótipos urbanos de baixo custo, com natureza efêmera ou permanente.

As motivações podem variar, de simples questionamentos sobre o estilo de vida em que estão inseridos, ou até mesmo fruto de experiências negativas encontradas no viver da cidade (MACÊDO; ALMEIDA, 2015). Desse modo o Urbanismo Tático aparece como o melhor caminho teórico para suscitar questões referentes a intervenção e evolução da RioTeca, que surge segundo Claudemir, de uma inquietação quanto ao uso daquele terreno, que já foi lugar de moradias precárias e depois depósito de lixo.

Para Macêdo e Almeida (2015, p. 4) “Ao observar a história das cidades ficam visíveis os ciclos de transformações que se sucedem a cada novo paradigma que se busca romper”. Nesse sentido, a história da Vila Santa Luzia, onde se localiza a RioTeca, é de fundamental importância para a compreensão das motivações que levaram o morador Claudemir a intervir na margem do rio Capibaribe. A ação do morador é fundamentalmente política, com base nas palavras de Harvey (2014, p.21) “as lutas políticas são animadas tão por intervenções

---

<sup>6</sup> A imagem oficial da cidade tende a focar nas consequências do planejamento e na parte tangível da arquitetura e das infraestruturas "duras". Dessa forma, a cidade informal ou emergente tende a passar despercebida. Mas, se somos capazes de fazer uma leitura mais ampla e profunda dos processos urbanos, descobrimos que é possível aprender com a cidade informal, e que esse tipo de processos "não oficiais" ou "não planejados" têm uma importância maior do que a visão convencional nos proporciona. (tradução nossa)

visionárias quanto por aspectos e razões de natureza prática”. O Urbanismo Tático enquanto ação política também é apontado por Nogueira (2017, p.92):

É comum que se atribua ao urbanismo tático um cunho político, uma vez que ele é uma manifestação em que a sociedade civil se emancipa das tutelas do Estado e aponta suas lacunas. Estas ações podem funcionar como uma forma de alertar o Estado para carências dos espaços, e eventualmente informar políticas urbanas de longo prazo.

O Urbanismo tático coloca a criação do meio urbano dentro de uma dimensão humanizada (NOGUEIRA, 2017), não apenas no clichê do termo, mas de forma prática. A construção de espaços públicos pelos seus próprios usuários mostra uma superação dos estagnados projetos urbanos que saem das pranchetas de engenheiros e arquitetos, o distanciamento da necessidade do indivíduo em relação ao que se é imposto por obras públicas do Estado acaba por gerar uma barreira na relação afetiva entre o homem e o espaço. Esse impedimento pode atingir o grau de nulidade quando o homem passa a construir o seu próprio espaço, dando a ele características adequadas ao seu contexto e de seus pares, a construção do meio urbano passa a ser baseada na horizontalidade e não na imposição vertical de um projeto do Estado. Esse processo, indissociavelmente, tende a gerar uma proximidade maior entre o ser e o meio em que lhe foi empregada sua força de trabalho durante a construção.

O Urbanismo Tático ou Urbanismo Emergente são caminhos teóricos importantes para o entendimento desse processo de apropriação dos espaços urbanos pela sociedade. Por mais que esses termos sejam recentes, o fenômeno está longe de ser, tanto que poderíamos descrever essas ações como um ativismo cidadão de caráter construtivo e comunitário, ainda sim estaríamos em um caminho de análise parecido. No fim das contas, tudo nos leva para a noção de Direito à Cidade, que segundo Lefebvre (2001, p.134) “se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à *obra* (a atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade”. Logo, pode-se afirmar que o Urbanismo Tático é a *práxis* do direito à cidade.

Harvey (2014, p.22), aponta questões relevantes da obra de Lefebvre, “A Revolução Urbana”, que dialogam com a noção de Urbanismo Tático. Intervenções práticas que ocorrem de modo inconsciente, sem a necessidade de um projeto bem definido, e que, por meio de medidas de articulação que visam melhorias em sua vida cotidiana, levam indivíduos a construir espaços possibilitadores de revolução, espaços heterotópicos. Por heterotopia podemos

entender “práticas urbanas”, poderia ser esse outro termo para definir ações pontuais da sociedade aplicadas nos espaços públicos dentro do meio urbano.

Algo une todas essas conceituações, a possibilidade de novas formas de se pensar a cidade, fugindo dos padrões engessados que o Estado usa para conceber e administrar espaços públicos no meio urbano. As intervenções práticas, feitas pela própria sociedade, tem um impacto muito positivo, pois dá autonomia na tomada de decisões para quem realmente usa esses espaços.

Bem, mas qual o papel do Estado? Não seria do Estado o dever de propor espaços públicos que atendessem as necessidades coletivas em suas pluralidades de contexto? O Estado não deveria fazer o que a população vem fazendo de forma independente? E quando o Estado percebe essas ações que fogem as suas rédeas, o que acontece? Bem, a crise no planejamento urbano não é um tema recente, na verdade esse processo é tema de muita discussão teórica a um bom tempo, pelo menos desde a década de 1960 com Lefebvre, esse processo não cessou, hoje a poética ideia de Lefebvre (2001) de uma “cidade ideal” que comportaria a obsolescência dos espaços, uma cidade efêmera, onde as pessoas seriam os motores das transformações, acontece em pequena escala, de modo pontual, com ações práticas que podem ser entendidas como uma materialização do que escreveu o autor. A RioTeca, assim como outros exemplos de táticas urbanas encontradas nas cidades, serve de afluyente para o que teorizou Lefebvre na década de 1960. Todavia, como escreve Nogueira (2017, p.94), a relação entre o Estado e as ações de iniciativa popular são conflitantes e passíveis de discussão já que:

Se o urbanismo tático aparece como uma resposta a um conjunto de políticas de retração do Estado, é possível que estas ações em que a população toma de assalto os espaços urbanos, propondo-lhes soluções, possibilitem que o governo se exima ainda mais de suas funções.

O Estado neoliberal se relaciona com ações urbanas informais segundo seus próprios interesses, a permanência de mudanças urbanas propostas pela sociedade só é coibida quando lhe é interessante. Em outros casos, a permanência é garantida, regulamentada e sancionada (NOGUEIRA, 2017). Portanto, a discussão acerca da atuação do Estado nesse processo é importante ser trazida. Atualmente, o poder do Estado começa a olhar para essas atuações com bons olhos, as vezes até se utilizando da máquina pública para ajudar na viabilidade dessas ações pontuais, concomitantemente, o mesmo Estado terceiriza a seu papel de agente promotor de uma cidade urbanizada.

Contudo, é de bom tom analisar o contexto de aproximação do Estado à essas ações horizontais a fim de observar como se deu esse processo e se ele não surge como um “apagar” do que havia sido implementado anteriormente pela comunidade, para no lugar objetivar a velha lógica do Estado em seus projetos da cidade.

## 4 VILA SANTA LUZIA EM CONTEXTO

É importante contextualizar a história do território analisado por esse estudo, pois, como aponta Santos (2006), a reconstituição do tempo é importante para entender a construção do espaço, no caso do presente trabalho, a reconstituição do tempo foi importante para a entender a construção da praça RioTeca. Com o passar do tempo, mudanças ocorrem em todos os âmbitos da sociedade, as mudanças são materializadas no espaço, então a compreensão espacial de um fenômeno que aparece hoje, pode ser entendida por meio do conhecimento histórico, de seus processos, conflitos, avanços e retrocessos.

### 4.1 A favela Abençoada por Deus

A vida para os moradores da Vila Santa Luzia não era fácil no início da década passada. As lembranças dos moradores sobre esse período são marcadas por episódios que muitos preferem esquecer. Uso de drogas, cenário de violência constante, insalubridade, contexto de extrema pobreza, etc. Onde hoje existe uma praça, no passado, dava lugar à favela Abençoada por Deus, Figura 3.

Figura 3 – A favela Abençoada por Deus, margem direita do rio Capibaribe, no bairro da Torre, Recife-PE



Fonte: Bruna Festa. Saneamento e urbanização de favelas. SD, p. 18.

Notas: Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/386712/> Acesso em: 20 ago. 2021.

Ao tratar deste tema, a denominação escolhida para se referir à Abençoada por Deus foi a de ‘favela’, que é como os próprios moradores se referem ao tema. Desse modo, fica preterido o uso do termo ‘comunidade’. Não existe palavra no dicionário brasileiro que melhor defina uma favela, do que a palavra favela. A *Cnidoscolus phyllacanthus* ou favela, é o nome dado a uma árvore da família da Euphorbiaceae que é encontrada do sertão nordestino, árvore espinhosa de médio porte que causou muito prejuízo durante as investidas do Governo Brasileiro por meio de suas forças militares ao assentamento de Canudos no interior da Bahia, que liderados por Antônio Conselheiro, conseguiram resistir por algum tempo, até que os militares conseguiram dominar uma posição estratégica: o morro da favela (Zylberberg, 1992). Parte do enredo de “Os Sertões”, clássico de Euclides da Cunha publicado em 1902, o termo “favela” se tornou sinônimo de assentamentos precários, construídos com baixo orçamento e lar de populações humildes. Essa é a origem histórica do termo que hoje é reconhecido pelas populações que residem nessas áreas e não negam o lugar que vivem. Mudar o termo de favela para comunidade, é também uma forma de negar essa história.

A favela Abençoada por Deus, assim como a maior parte dos assentamentos habitacionais desse tipo localizados nas margens do Capibaribe, no Recife, era muito precária. Em 2004 foram identificadas pela Prefeitura do Recife nada menos que 64% de construções de madeira e 12% com material misto. Muitas das casas não possuíam sequer banheiro próprio. Pelo menos metade dos imóveis possuía apenas um cômodo; 25,6% dois cômodos e 14,4% possuía três cômodos; somente 8% do universo pesquisado tinha entre quatro a seis cômodos, segundo aponta pesquisa da Prefeitura do Recife feita com as 428 famílias cadastradas no ano 2004 (PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE, 2004 apud ALCÂNTARA, 2010). Esse cenário descrito pelos dados da pesquisa pode ser visualizado por meio da figura 4.

Figura 4 – Palafitas construídas de materiais diversos, na margem direita do rio Capibaribe ao lado da ponte que liga a Vila Santa Luzia na Torre ao bairro de Santana, Recife-PE



Fonte: Leodimiro Neto (2007).

Notas: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/leodimiro-neto/with/3929862661/> Acesso em: 22 ago. 2021.

A favela Abençoada por Deus existiu por cerca de 14 anos, segundo a série de reportagens “Das palafitas às ilhas de concreto” (JORNAL, 2009). O espaço passou a ser ocupado no ano de 1994 e abrigou cerca de 1000 famílias. Essas informações convergem para uma classificação que também é de lembrança popular: a de que a favela Abençoada por Deus era à época a maior favela em beira de rio do Recife. Ainda segundo a reportagem do JC, a área ocupada chegou a abranger mais de vinte mil metros quadrados.

A fim de espacializar a dimensão da comunidade, a figura 5 demonstra o perímetro ocupado pela comunidade no ano de 2002. Para balizar o entendimento da localização geográfica da área, foram marcados pontos de referência, sendo estes, o Parque Santana, localizado no bairro de Santana, z/n<sup>7</sup> do Recife, que está ligado a área foco desse estudo por meio da ponte, conhecida como ponte do Santana; além do Centro de Atenção Integral à Criança

---

<sup>7</sup> z/n = Zona Norte  
z/o = Zona Oeste

(CAIC)<sup>8</sup> – Creuza Barreto Dornelas Câmara, que fica próximo da área estudada, na vila Santa Luzia; e por fim o hipermercado Carrefour que fica no bairro da Torre z/o do Recife.

Figura 5 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, bairro da Torre, Recife-PE, 2002



Fonte: ESIG (2021).

Os moradores da Abençoada por Deus conviviam com a ausência de infraestrutura urbana, como saneamento básico, água encanada, áreas de lazer, além de problemas sociais, como a violência e o tráfico de drogas, que são consequência direta das precárias condições de vida, além da política de ausência ou ausência de políticas públicas que garantam uma vida digna para a população mais pobre e carente das grandes cidades.

Claudemir, um morador importante nessa história, lembra de alguns momentos que viveu na época que existia a favela no bairro: “Cheguei aqui e na época tinha palafitas nessa área da RioTeca hoje. Tinha até barraco de lona ainda na época que eu cheguei, de madeirite, umas de alvenaria já, mas só quem tinha alvenaria era quem tinha dinheiro para comprar alvenaria, e os outros ficavam no madeirite mesmo”. Além de contextualizar a estrutura das casas que existiam no local, Claudemir, conta um pouco de como era a vida no período em que

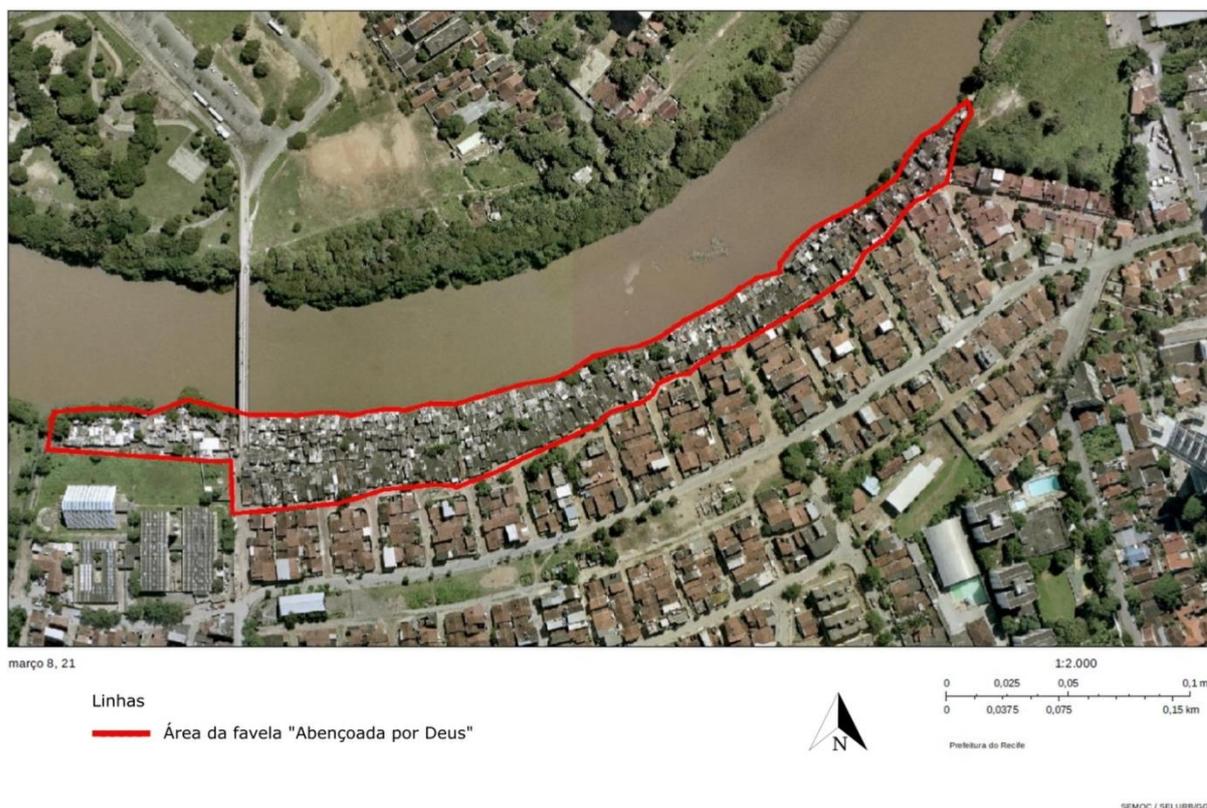
<sup>8</sup>Criados no Governo Collor, os CAICs são pensados para a permanência de crianças em período integral e possuem uma arquitetura única para todas as suas unidades no Brasil.

a favela existia: “na época das palafitas aqui, era um pouco difícil né, porque tinha gente que fumava droga na porta da minha casa.”

O modo de vida tenso e conflituoso não agradava a muitos moradores. As tensões se acirravam e se amenizavam ao longo dos anos, em períodos de “guerra”, onde o domínio territorial pelo tráfico de drogas da região era disputado, havia toque de recolher e o medo era grande entre os moradores.

Os moradores da Abençoada por Deus foram cadastrados pela PCR em 2004. Nesse cadastramento além do tipo de construções existentes no local, também foram registradas o número de famílias que lá residiam (428), porém, a remoção das palafitas e casas só veio ocorrer quatro anos após o primeiro cadastramento, em 2008. Nesse ano oficialmente residiam na localidade quase o dobro de famílias (849). Entretanto, como registrado pela reportagem do JC, esse número poderia ser ainda maior, podendo chegar a quase 1000 famílias, mas como a reportagem não oferece embasamento para a afirmação, é mais seguro confiar nos dados oficiais da prefeitura. Foi nesse período que a Abençoada por Deus teve seu tamanho máximo, em registro de satélite obtidos na plataforma ESIG – Informações Geográficas do Recife, administrada pela PCR. Pode-se observar a dimensão da favela (circulada em vermelho) no ano de 2007, na figura 6.

Figura 6 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, no ano de 2007



Fonte: ESIG (2021).

A remoção de uma favela desse porte necessita de um grande planejamento, além de um vultuoso investimento para sua execução. Essa ação fez parte do extinto Programa Recife Sem Palafitas, que teve um papel importante na problemática das palafitas na capital pernambucana concedendo apartamentos para centenas de famílias. A apresentação do programa ainda pode ser encontrada no portal da PCR:

O Recife sem palafitas é um programa realizado pela Prefeitura do Recife em parceria com o Ministério das Cidades que atua na requalificação urbana de áreas de alagados com ocorrência de palafitas e, principalmente, dando moradia digna aos seus habitantes. Trata-se de um conjunto de ações urbanísticas, ambientais, socioeconômicas e culturais, que beneficiam famílias residentes em palafitas. [PREFEITURA, 2006?]

Essa intervenção que ocorreu durante a gestão do então Prefeito da cidade do Recife João Paulo (PT) no ano de 2008, contou também com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal, que destinou R\$ 14 milhões para a execução da obra de construção do conjunto habitacional Abençoada por Deus, no bairro da Iputinga, que fica a cerca de 3km do local onde existia a comunidade de mesmo nome. Essa foi uma das primeiras

obras do PAC no Brasil e a primeira em Pernambuco. Além da construção do habitacional, da remoção das famílias e demolição das antigas casas, também existia no projeto a necessidade de se urbanizar o local, para assim evitar novas ocupações na área.

No dia 17 de julho de 2008 o então Prefeito do Recife, João Paulo (PT), participou da demolição dos barracos e casas da antiga Abençoada por Deus e, mais tarde, inaugurou o conjunto habitacional de mesmo nome, no bairro da Iputinga no Recife (JAMILDO, 2008). O empreendimento contou com recursos da PCR e do Governo Federal e concedeu à 428 famílias o direito à moradia. As outras 421 famílias que também moravam na favela, mas que haviam se instalado após o primeiro cadastramento, também foram retiradas do local e passaram a receber auxílio moradia no valor de R\$ 151,00, além da promessa da moradia digna. A remoção da favela encerra o primeiro capítulo da favela Abençoada por Deus, entretanto não encerra a luta pelo direito à moradia. Como veremos a seguir, esse é um problema que se arrasta e se agrava com o tempo na cidade do Recife.

#### **4.2 Obras de urbanização**

Com a retirada da maior parte dos moradores que viviam na comunidade Abençoada por Deus, a Prefeitura deu início a obras de requalificação da área, classificando-as como “processo de urbanização para evitar futuras ocupações” (PREFEITURA, 2008). As obras se iniciaram com o replantio de espécies do mangue e construção de um passeio linear ao longo da margem direita do rio Capibaribe. A ideia era boa, e seria uma ótima iniciativa para um novo uso daquele local, caso tivesse sido executada com responsabilidade. A Vila Santa Luzia poderia ter tido outro destino caso a construção desse espaço público levasse em consideração os aspectos locais, pois conforme Gonçalves (2007, p. 191), “a construção de praças e parques urbanos não levam em conta as bases culturais dos moradores do entorno e da própria cidade”. Contudo, o projeto não foi finalizado, e mesmo que fosse, o desenho residual reforça o pensamento de Lamas (1993, p.102) “o recurso ao desenho de praças tem sido por vezes um logro, na medida em que o desenho do espaço não é acompanhado pela qualificação e significação funcional”.

A área atingida pela obra de urbanização executada pela PCR seguida o curso do rio, iniciando a partir da ponte que liga a Vila Santa Luzia, no bairro da Torre, ao parque Santana, no bairro de Santana, e finalizando próximo ao terreno que pertence ao hipermercado Carrefour.

Em resumo, a obra abrangia toda a área anteriormente ocupada pela favela Abençoada por Deus.

A obra de intervenção da PCR, que contou com recursos do PAC tinha como objetivo a requalificação do espaço, para isso, após a demolição das casas foi incorporada à área alguns novos elementos. A obra que iniciou com a limpeza e terraplanagem do local após a remoção das casas, teve em seu início o replantio do mangue que forma a mata ciliar do Rio Capibaribe, que havia sido desmatado para dar lugar as palafitas da Abençoada por Deus. A obra também contou com a construção de um passeio, instalação de alguns bancos simples feitos de concreto, que em sessões de dois ou no máximo três bancos seguiam pela extensão do espaço, também foram construídas duas quadras “poliesportivas”<sup>9</sup> e um parque infantil que contou com alguns poucos brinquedos para as crianças do bairro, mas parou por aí. Além de ter sido uma intervenção incompleta, sendo a principal ação para se alcançar o objetivo proposto, o replantio do mangue, os demais poucos equipamentos urbanísticos que foram instalados na área não tiveram uma qualidade condizente com o esperado. As quadras tinham dimensões muito pequenas, e pouco foram utilizadas, o passeio que foi criado rapidamente estava sendo tomado pelo mato e assim a obra foi ganhando ares de abandono rapidamente.

Por meio de imagens de satélite disponíveis na plataforma do Google Earth, temos a possibilidade de voltar no tempo e observar esse cenário em agosto de 2009 (figura 7), pouco mais de um ano após a remoção da comunidade. Circulado em amarelo está toda a área onde existiam habitações precárias que foram removidas pela PCR em julho de 2008. Em tom de verde, e por trás do CAIC, é possível observar construções de madeirite, provavelmente composta por moradores que se instalaram após a remoção da favela devido a esperança de conseguir uma moradia se instalando no local, além de pessoas que não foram contempladas com o benefício do apartamento e ficaram apenas com o auxílio-moradia de 150 reais, insuficientes para um aluguel mesmo naquela época. Já circulado em roxo, o local onde aconteceram as primeiras intervenções que futuramente daria origem a RioTeca.

---

<sup>9</sup> A descrição de poliesportivas, para as quadras construídas no local, aparece entre aspas no texto devido a impossibilidade de se praticar outro esporte que não fosse o futebol em ambas as quadras construídas.

Figura 7 - Imagem de satélite da margem direita do Capibaribe após a remoção da favela Abençoada por Deus, em 2009



Fonte: Google Earth (2021).

Um fato a se destacar é a falta de cobertura vegetal do local após a remoção das casas, em contraste com o mangue que foi replantado por agentes da PCR e que rapidamente se desenvolveu. A vegetação do manguezal que havia perdido seu espaço para as palafitas, agora reconstituída, serviu de impeditivo para novas construções na margem do Rio Capibaribe nessa área. Se tivesse havido o replantio de espécies nativas da Mata Atlântica em outras partes esse espaço, talvez a obra tivesse tido maior impacto.

A obra de requalificação feita pela Prefeitura, em si, não passou de um paliativo muito mal executado e não foi eficaz em cumprir seu principal objetivo – o impedimento da utilização daquele solo novamente para moradia –, já que não deu ao espaço uma nova forma de uso realmente clara e atrativa. Somem a essa equação a crise econômica que se intensificou por volta de 2014 no Brasil e levou mais pessoas a condições de pobreza extrema, sem condições de acesso digno a moradia, precisando recorrer a ocupações irregulares. Assim, rapidamente houve uma reocupação desse trecho da margem direita do Rio Capibaribe, esse processo segue ativo até hoje, visto que não há programas ou iniciativas de intervenção desse cenário pela gestão PCR. A seguir, será ilustrado espacialmente por meio de imagens de satélite dos anos de 2015, 2016, 2017, 2019 e 2020, o processo de aceleração no adensamento populacional nesse trecho da margem do Capibaribe, no bairro da Torre.

### 4.3 O processo de reocupação na Vila Santa Luzia

Por que o processo de reocupação é relevante para esse estudo? A partir da observação *in loco* da praça RioTeca, conversas, aplicação de questionário e entrevista com usuários da praça e moradores próximos, ficou clara a lembrança de um passado difícil na época da favela Abençoada por Deus. Sempre que lembravam dos problemas que enfrentavam quando a favela existia ali, eles afirmam que hoje está bem melhor com um espaço de lazer no local. Esse também foi um ponto citado por Claudemir, que relembrou os problemas com usuários de drogas e a violência que era comum, sendo isso uma das grandes motivações pessoais que o levaram a intervir no espaço. Por isso, é relevante analisar o contexto histórico de todo o território, mesmo a RioTeca compondo apenas uma pequena porção dele, para que seja possível entender em todas as dimensões o significado da RioTeca, assim como seu impacto, para os moradores do entorno.

Se tornou cada vez mais iminente a volta da favela ao território que já teve esse uso, sem dúvidas essa foi uma das motivações para que alguns moradores tomassem a iniciativa de intervir cada vez mais na margem do rio Capibaribe, assim barrando ou minimizando a chance da volta de casas ao espaço. Iniciou-se aí uma espécie de corrida pelo domínio territorial de cada pedaço desse espaço, que após sofrer a intervenção direta do poder municipal e seu posterior abandono, começou a ser disputada por dois interesses principais: o uso para moradia, e o uso para o lazer.

#### 4.3.1 Corrida pelo território

No final da última década a lembrança da retirada da favela Abençoada por Deus ainda estava viva na lembrança das pessoas, logo, era um senso comum na época que caso alguma casa fosse construída no local, tão logo seria removida, por isso a maior parte das construções eram feitas por trás do terreno do CAIC, já que era um espaço mais “escondido”. Agora o antigo nome “Abençoada por Deus” ficou para trás, a favela, nos dias atuais, passou a ser conhecida como Via Mangue da Torre, mesmo que oficialmente não exista um nome marcante para a comunidade, como existia no caso da antiga ocupação, os populares se referem a ocupação

como favela ou favelinha. Segundo Almeida (2016), a reocupação começou com 16 famílias, que não conseguiram o benefício do apartamento e nem qualquer outro tipo de auxílio:

A Via Mangue da Torre é uma favela. Ela começou a existir em julho de 2008 quando a antiga comunidade de barracos e lama foi remanejada para o conjunto habitacional Abençoada por Deus, na Iputinga. Da favela de mesmo nome, 428 famílias se mudaram para apartamentos de 39m<sup>2</sup> e outras 421 receberam auxílio-moradia para saírem do lugar em que viviam. As medidas eram parte do Programa Recife Sem Palafitas que planejava também executar um processo de urbanização para evitar ocupações futuras na área. Não foi o que aconteceu. Desde a inauguração do conjunto, 16 famílias nem se mudaram nem receberam qualquer tipo de auxílio. Permaneceram, como remanescentes, a acompanhar o crescimento da nova favela. (ALMEIDA, 2016)

Então, na verdade, a ação da PCR que contou com 17mi do Orçamento Geral da República (OGR), e tinha como objetivo a remoção total dos moradores da Abençoada por Deus e uma intervenção urbanística no local, falhou nas duas frentes. Não foi uma ação desastrosa, muito pelo contrário, mas houveram inegáveis falhas. As 16 famílias que continuaram no local, com o passar do tempo foram ganhando novos vizinhos, “os que chegaram depois apareciam por esperança de conseguir uma casa melhor no futuro. Outros vinham pela completa desesperança mesmo” (ALMEIDA, 2016). O alto número de famílias (421) que ficaram apenas com o benefício do auxílio-moradia, também acabaram, uma parte delas, se vendo obrigadas a voltarem para o seu lugar de origem, já que o valor do auxílio não era suficiente para que essas famílias conseguissem se manter.

E, embora ninguém queira se identificar dessa forma em público, alguns dos beneficiados voltaram às antigas moradias irregulares. Com filhos, sem emprego, o auxílio não dava conta das despesas que uma casa comum tem. O valor mensal recebido é de R\$ 200,00, quantia reajustada pela última vez em 2003, antes deles receberem a ajuda. Alugueis na cidade não costumam ser menores que R\$ 300,00, fora água, energia, alimentação. A segunda etapa do habitacional não saiu, e a opção de alguns foi voltar. (ALMEIDA, 2016)

Devido a essa herança da Abençoada por Deus, com o passar dos anos o território se modificou intensamente, a favela que ocupava o espaço por trás do CAIC no ano de 2009, cresceu e ocupou novas áreas. As linhas em amarelo, verde e roxo utilizadas na figura 7, são exatamente as mesmas na figura 8, facilitando assim a comparação da evolução desse cenário. Pode-se então observar que as palafitas por trás do CAIC não só extrapolaram a demarcação em verde que havia sido feita com relação ao tamanho da área ocupada em 2009, mas também que em 2015 a favela já havia ultrapassado a “fronteira” da ponte que liga a Vila de Santa Luzia

ao bairro de Santana, ganhando mais terreno no sentido do curso do Rio Capibaribe e indo em direção ao espaço da RioTeca. Esse é um marco importante, principalmente para o nosso objeto de estudo, já que a cada avanço das construções, o território da praça vai ficando cada vez mais ameaçado.

Figura 8 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, agosto de 2015



Fonte: Google Earth (2021).

Entre 2009 e 2015, a reocupação por assentamentos precários no bairro da Torre caminhou em um ritmo “normal”, não houveram ações por parte do poder público que mitigassem esse crescimento e ele se deu em um processo contínuo e gradativo. Era de se esperar que a evolução desse cenário fosse continuar lentamente ao longo dos anos e que, pouco a pouco, a favela fosse crescendo em direção ao espaço onde a RioTeca já ocupava nesse momento. Entretanto, no ano de 2016 houveram dois eventos muito tristes, que serviram como catalisador para que esse cenário se intensificasse.

No dia 3 de fevereiro de 2016, por volta das 10 horas da manhã, se iniciou um incêndio de grandes proporções no núcleo da favela da Vila Santa Luzia que ficava por trás do CAIC (figura 9).

Figura 9 – Incêndio na favela Via Mangue da Torre, início de 2016



Fonte: Paulo Henrique Basto/Twitter/Cortesia (2016).

Notas: Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2016/02/incendio-atinge-comunidade-de-santa-luzia-no-cordeiro.html> Acesso em: ago. 2021.

Esse incêndio fez com que 200 famílias perdessem o pouco que tinham e deu a eles a necessidade de se realocar no espaço, imagens de satélite de maio de 2016 mostram o estrago provocado pelo incêndio visto do alto, e também a realocação das famílias para outras áreas do terreno (figura 10). Quando comparada com a imagem da área em 2015 (figura 8), fica clara a

realocação de casas para regiões próximas seguindo a jusante (da esquerda para a direita) do Rio Capibaribe, as construções aparecem próximas a vegetação do mangue.

Figura 10 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, maio de 2016



Fonte: Google Earth (2021).

Em matéria publicada no LeiaJá, ainda em fevereiro de 2016, ficou evidente que as famílias da localidade temiam um novo incêndio:

A Polícia Militar e a Prefeitura do Recife têm aparecido na comunidade e impedido a construção de novas estruturas. O promotor de Justiça do Meio Ambiente da Capital, Ricardo Coelho, também recomendou que o município remova as construções irregulares às margens do Rio Capibaribe, mas que também inclua os moradores em programas sociais de habitação e assistência social. “A administração municipal deve atuar imediatamente a fim de evitar que os moradores voltem a construir casas nos locais atingidos pelo incêndio, garantindo a proteção dos direitos fundamentais da dignidade da pessoa humana e do meio ambiente equilibrado”, disse o promotor na recomendação. [...] Atualmente, as famílias que disseram ter sido atingidas pelo incêndio estão na casa de parentes e amigos ou em dois abrigos da Prefeitura do Recife. De acordo com a Secretaria de Habitação, ficou acertada a realização de um cadastramento social na área. Para isso, está sendo feito um cruzamento de dados entre o cadastro feito após o incêndio pela Defesa Civil e um outro já existente, realizado pela Autarquia de Saneamento do Recife (Sanear). O levantamento estaria sendo acompanhado por lideranças dos moradores e deve ser concluído em breve. (COSME, 2016)

Na verdade, muitos moradores não receberam o auxílio e mesmo os que receberam acabaram retornando para a Via Mangue, os que por necessidade insistiram em reconstruir suas casas no mesmo lugar, por trás do CAIC da Torre, ao final do ano, precisamente em 12 de dezembro de 2016, foram novamente surpreendidas com outro incêndio (figura 11), tão destrutivo quanto o primeiro. Nos dois episódios não existiram feridos graves ou mortos, restou somente a destruição e a dor de centenas de famílias que precisariam, mais uma vez, buscar forças para reconstruir suas casas.

Figura 11 – Incêndio na favela Via Mangue da Torre, final de 2016



Fonte: Whatsapp/Reprodução (2016).

Notas: Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/incendio-atinge-casas-em-comunidade-da-zona-oeste-do-recife.ghtml> Acesso em: ago. 2021.

Esse tipo de favela, bastante comum na cidade do Recife, composta de palafitas sob o rio, constituída de assentamentos feitos de materiais diversos, em um aglomerado claustrofóbico, é recorrentemente vítima de incêndios, dificilmente se sabem a origem do fogo, sempre surgem boatos para explicar o início das chamas, como afirma Almeida (2016) ao falar da causa do incêndio em Santa Luzia: “fogo que começou por acidente, com a explosão de um botijão ou um curto-circuito, num dos barracos que ficam no meio da favela e por trás da Escola Creusa Barreto Dornelas Câmara, mais conhecida como CAIC.” A verdade é que a causa é

sempre o déficit habitacional, que joga pessoas em condições de vulnerabilidade extrema. A reflexão feita por Paz (2016) em texto publicado no Diário de Pernambuco, no dia 13/12/2016, dia de Santa Luzia, que empresta o nome para a comunidade, consegue passar a mensagem para quem deveria propor medidas para evitar esse tipo de acontecimento na cidade, o Estado.

Por mais de um ângulo se pode ler o incêndio de ontem na Vila Santa Luzia, na Torre. O da pobreza é o que de imediato se percebe, traduzida por um dado quase despercebido no meio das reportagens. O fogo que desabrigou cerca de cem famílias atingiu uma área de aproximadamente 100 metros por 50 metros. Foram 5 mil metros quadrados. Cada família moraria em 50 metros quadrados, em uma conta rápida. Ao detalhar a geografia da comunidade, a média se reduz. Entre os barracos, embora habitualmente colados uns aos outros nesse tipo de comunidade, há ruas - ou melhor, corredores - para a circulação de pessoas, bicicletas e esgoto a céu aberto. Em um cálculo otimista, imaginemos cada moradia com 40 metros quadrados. A dimensão, comparada a imóveis dos conjuntos populares, não seria algo distante. Difere a qualidade construtiva e na inexistência de urbanização, aspectos à mostra nas imagens dos incêndios da comunidade, o de ontem e o de fevereiro. Quem sabe agora, na véspera do dia litúrgico da santa que empresta o nome à vila, o estado entenda a mensagem de Santa Luiza: a dos olhos, a de se enxergar. (PAZ, 2016)

Diante de todo esse caos, as pessoas desamparadas procuraram novos espaços para reconstruir suas casas. Em maio 2017, como mostra a figura 12, o terreno por trás do CAIC já havia sido novamente ocupado, o temor por novos desastres não conseguiu ser maior que a necessidade de um teto. Além dessa parte do território, a ocupação seguindo o curso do rio também progrediu.

Figura 12 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, maio de 2017



Fonte: Google Earth (2021).

Em 2019, a favela da Via Mangue da Torre já estava bem consolidada, nesse momento a comunidade visualmente já tinha multiplicado de tamanho (figura 13). A corrida pelo uso do território, para as pessoas que se arriscavam ainda em ocupar aquele espaço, tinha como objetivo principal o uso para moradia.

Figura 13 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, fevereiro de 2019



Fonte: Google Earth (2021).

Mais recentemente (figura 14), a porção do território à direita da ponte do Santana, já está consolidadamente ocupada por casa, inclusive muitas delas são construções de alvenaria, mas quando se adentra mais na favela ainda se nota muitas casas de maderite e materiais diversos. Após 13 anos da remoção da favela Abençoada por Deus, as palafitas ainda são realidade na vila Santa Luzia, assim como a pobreza e a violência.

Figura 14 – Uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, Torre, setembro de 2020



Fonte: Google Earth (2021).

Esse território, que segue em constante transformação, sendo modificado e ocupado conforme a demanda por moradia, cresce demasiadamente. No entanto, esse crescimento acabou esbarrando em um limite geográfico: a RioTeca.

Mas como a RioTeca conseguiu conter o avanço da ocupação desse território? Para compreendermos esse feito, precisamos primeiro compreender as táticas urbanísticas executadas por um morador.

## **5 RIOTECA: UM ESPAÇO PÚBLICO DE FATO**

Para Mesquita (2018), um espaço público se caracteriza pela promoção dos encontros. Dentre as várias classificações possíveis para espaços públicos, a que melhor define a RioTeca é a praça. A RioTeca, também pode ser entendida como uma biblioteca urbana da cidade, pois nesse espaço está à disposição de quem o visita um grande acervo de livros, sem custos ou impeditivos para o uso/leitura. Além da vasta área de convivência ofertada pelo espaço, também existe um parque infantil no local, com brinquedos que proporcionam a diversão das crianças do bairro. Por fim, mas não menos relevante, também existe no espaço uma horta comunitária, que disponibiliza hortaliças para os moradores.

A construção desse espaço, que possui uma série de atrativos disponíveis para quem o frequenta, não partiu de uma ação do Estado, na verdade esse projeto contou com a participação da própria comunidade em sua criação. Esse processo, aconteceu paralelamente ao processo de reocupação da área por moradias, que foi abordado anteriormente.

Iniciada assim que a favela Abençoada por Deus foi removida, há cerca de 13 anos atrás, a RioTeca é derivada dessa competição territorial que aconteceu/acontece na Vila Santa Luzia. Essa ação contou fundamentalmente com o trabalho de um morador, que junto com seus vizinhos tornou possível esse feito.

### **5.1 O surgimento de uma liderança**

Em meio ao processo de avanço da reocupação da favela na Vila Santa Luzia, no bairro da Torre, um morador que temia a volta de uma realidade conturbada que havia vivido no passado durante a época da favela Abençoada por Deus, decide intervir no espaço em frente a sua residência. Com o aval e ajuda de outros moradores próximos, o agente chave da história da RioTeca, começou a empreitada que deu vida a um espaço público de lazer na margem do Rio Capibaribe.

Natural do município de Rio Formoso, Claudemir, tem uma história bem difícil, assim como a de várias pessoas que vivem do corte da cana-de-açúcar na zona canavieira de Pernambuco. Claudemir perdeu o pai aos 10 anos de idade e já nessa época trabalhava em um engenho próximo da Usina Santo André, que fica entre os municípios de Barreiros e Água Preta - Pernambuco, nas margens do rio Una. Nesse contexto, ao relatar o processo que o levou a ir

morara na comunidade de Santa Luzia, Silva (2021)<sup>10</sup> expos que teve de enfrentar condições de trabalho análogas à escravidão:

Eu lutei, lutei, lutei mesmo feito um escravo, para trazer minha família pra cá. Quando eu perdi meu pai eu tinha 10 anos, nesse tempo eu já cortava cana, plantava cana, limpava... e outros serviços que eu fazia lá: semeava cana, cobria cana, era essa a vida do interior.

Silva (2021) lembra a forma como era remunerado o seu trabalho, que já seria irregular somente pelo fato de se tratar de trabalho infantil, mas os absurdos iam além:

E eu trabalhava por dinheiro de... o dinheiro era o papel, a gente não via o dinheiro, a gente via o papel, tipo escravo mesmo. Chegava lá o chefe da usina, riscava num papel de caderno e... a gente ia comprar no barracão do próprio engenho, que fazia parte da usina já.

Essa realidade era enfrentada por Claudemir sempre que surgia trabalho, assim, ele conseguia colocar comida na mesa, ajudando sua mãe e irmãos que também trabalhavam muito para conseguir sobreviver; como não tinha um trabalho fixo, Silva (2021) por muitas vezes tinha que recorrer a caça e a pesca para conseguir levar comida para casa.

e... quando não tinha trabalho eu caçava, pegava os bichinhos no mato pra sobreviver, que é a vida de caçador no interior, de pescador também, tinha o rio Una que a gente pescava pra trazer o alimento pra casa.

Em tom de denúncia, e em uma forma de apelo, Silva (2021) comenta que a realidade dura que ele enfrentou ainda pode ser encontrada em Pernambuco: “hoje em dia ainda existe isso aqui em Pernambuco, né?! é que os governantes não querem saber da zona canavieira, mas o sofrimento lá não é mole não, é duro”.

Após passada essa fase difícil da vida de Claudemir, ele veio morar na Vila Santa Luzia em uma casa cedida por uma tia de sua mãe, posteriormente ele conseguiu comprar essa casa após um de seus irmãos ganhar um carro no Poupa Ganha<sup>11</sup>. Essa casa fica na esquina da rua Silves com a Ciclovía República da Argélia, e até julho de 2008 localizava-se, em frente à favela Abençoada por Deus que se estendia por toda a extensão daquela Ciclovía, que apesar do nome “ciclovía” nunca foi de fato uma.

<sup>10</sup> Claudemir Amaro da Silva, idealizador da RioTeca. Entrevista realizada no dia 14 de julho de 2021.

<sup>11</sup> Poupa Ganha foi uma empresa de sorteios e um programa de televisão brasileiro, no formato de sorteio dominical, fundado em 1995 no Estado do Piauí pelo Grupo Meio Norte. A partir de 1996, se expandiu nacionalmente, chegando a atuar em 15 Estados. (Wikipédia, 2021)

Foi nesse momento que Claudemir se viu diante de outra dura realidade social, a de conviver frontalmente com uma favela. Esse novo modo de vida trouxe para ele algumas experiências negativas e conflitos com outros moradores. Silva (2021) citou durante a entrevista alguns desses conflitos, dentre eles tem um episódio onde uma mulher estava fazendo uso de drogas em frente à sua casa, quando ele pediu para que ela não usasse a substância ali pois sua mãe estava se incomodando com o cheiro, daí ele recebeu a seguinte resposta: "esses matuto vem do interior e agora está cheio de direito, se eu tivesse uma arma atirava na cabeça dele". Claudemir continua detalhando o momento: "Eu fui falar numa boa com a mulher e ela me mandou morar em Boa Viagem".

Como observado na fala da moradora, já se naturalizava a precariedade das relações sociais na favela Abençoada por Deus, caso não se aceitasse tal realidade a solução seria a simples mudança de residência, pois ali o modo de vida já estava consolidado daquela forma. A interessante citação do bairro de Boa Viagem por parte da moradora, também revela a eminente desigualdade da cidade do Recife, que com base no índice de GINI<sup>12</sup>, é a cidade mais desigual do país (0,612), realidade que é facilmente visualizada na paisagem. A desigualdade no Recife é tão alarmante que já foi descrita por Souza e Bitoun (2015) como uma "metrópole regional, incompleta, periférica e desigual".

O bairro da Torre é um claro exemplo dessa desigualdade. O bairro em si é considerado de classe média, composto por grandes arranha-céus, tendo como moradores uma parte da elite recifense. Paralelo a isso e com uma proximidade contraditória, existia no bairro, pelo menos até o ano de 2008, a favela Abençoada por Deus, que quando fotografada a partir da ponte que liga o bairro de Santana à Torre, materializava em sua paisagem essa desigualdade da cidade do Recife, sendo essa uma das paisagens mais emblemáticas para ilustrar a desigualdade na capital Pernambucana (figura 15).

---

<sup>12</sup> O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza. Na prática, o Índice de Gini costuma comparar os 20% mais pobres com os 20% mais ricos. No Relatório de Desenvolvimento Humano 2004, elaborado pelo Pnud, o Brasil aparece com Índice de 0,591, quase no final da lista de 127 países. Apenas sete nações apresentam maior concentração de renda. Fonte: Andréa Wolffenbüttel, 2004. Edição 4 - 1/11/2004. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2048:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28) Acesso em: 22 ago. 2021.

Figura 15 - Paisagem desigual no bairro da Torre – 2007



Fonte: Leodomiro Neto (2007).

Notas: Contraste entre os prédios ao fundo e as palafitas da favela Abençoada por Deus localizada na margem direita do rio Capibaribe na Vila Santa Luzia, bairro da Torre, Recife – 2007. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/leodomiro-neto/3443279114/> Acesso em: 14 ago. 2021.

Quando perguntado sobre sua motivação para intervir no espaço onde hoje localiza-se a RioTeca, Silva (2021) foi direto ao ponto: “O que eu passei, cara. O que eu passei aqui na época eu não desejo para ninguém, entendeu. Não foi fácil.” Claudemir conviveu com esse contexto por alguns anos, já que em 2008 a Abençoada por Deus foi removida, mas essa convivência plantou no morador um desejo de mudança e justiça social, que seria posto em prática em forma de trabalho pouco tempo depois.

Como já mencionado, o morador começou a trabalhar muito cedo e sua vida chega a se confundir com o trabalho em alguns momentos, Claudemir e trabalho são quase sinônimos. Logo quando chegou a Vila Santa Luzia, começou a aceitar todo tipo de trabalho: “continuei trabalhando, limpando quintal dos outros, tirando coco, pintando casa, tudo que vinha pela frente a gente tinha que trabalhar pra manter, pra pegar o dinheiro pra cuidar da nossa vida. [...] De trabalho eu não corro não”. Claudemir não sabia, mas ele estava próximo de realizar o trabalho mais importante de sua vida.

## 5.2 RioTeca, uma outra forma de ver o espaço

Após anos vivendo e convivendo com esgoto a céu aberto, lixo na rua, mal cheiro, insetos; e tendo na vizinhança casas construídas a partir de madeiras velhas, placas, sucata, e outros matérias, Claudemir juntamente com outros moradores decidiram que não tornariam a viver vizinhos dessa realidade, e no espaço em frente às suas casas começaram uma intervenção urbana, que mesmo sem planejamento estratégico, foi dotada de inteligentes táticas de urbanismo que viabilizaram o surgimento de um espaço público original da cidade do Recife.

A RioTeca é uma praça nas margens do rio Capibaribe, que tem como principais atrações uma biblioteca e o Rio Capibaribe. São desses elementos que vem o nome “RioTeca”, que é a junção das duas principais marcas espaciais e geográficas da praça. É impossível falar de RioTeca sem falar do Claudemir, considerado pelos moradores como o pai da RioTeca. Claudemir, carpinteiro de profissão, fez uso das suas habilidades de carpintaria para construir a RioTeca a partir de materiais que iriam para o lixo.

Desde os primeiros meses após a retirada da Abençoada por Deus e posteriormente a “intervenção urbanística” da PCR, Claudemir já imaginou o lugar de uma forma diferente. Ele conta como se deu essa primeira obra de intervenção da PCR no local:

Foi assim, saiu as palafitas daqui. Aí fizeram paliativo aqui né? Tipo, plantaram uns pés pingo de ouro fizeram um caminho na terra mesmo, só fizeram um meio fio de tijolo, né, pra dar uma enganada aí na comunidade, né. Pouco tempo depois o mato estava tomando de conta. (SILVA, 2021)

Vendo a situação de abandono do espaço e temendo o possível retorno das palafitas, Silva (2021) resolveu agir: “com pouco tempo o mato já... aí eu vi aquilo ali né crescendo e eu não tenho medo de trabalhar. Eu fui ali no Atacadão comprei uma estrovenga, comprei uma inchada, um rastelo né, pra arrastar o mato. E resolvi cuidar do espaço.”

Visando dar mais funções ao território, Claudemir iniciou seu processo de intervenção, ao empregar trabalho e equipamentos ao espaço. Na verdade, o morador estava territorializando o espaço, conforme aponta Sposito e Saquet. (2016, p.106) “na territorialização ocorrem fluxos de movimento, enraizamento, localização, identificação e distribuição”. Passando a ser um território, como conceito geográfico, o espaço ganha aspectos diferentes, geralmente ligados a uma área ou lugar de vida, que foi apropriado, ocupado e transformado. Assim, nesse tipo de

espaço é facilmente identificado um grande emprego da *práxis* e o caráter político iminente nessa ação.

Quando perguntado qual a sua primeira intervenção naquele espaço, Silva (2021) responde: “a primeira coisa foi plantar árvore né, para fazer sombra primeiro”. Mesmo sem entender muito de botânica, o morador ao ver mudas de árvore pelos caminhos que percorria, as recolhia e tentava planta-las no espaço, porém muitas dessas tentativas foram frustradas pois as árvores não vingavam. Para resolver de modo imediato o problema da sombra, Claudemir construiu um guarda-sol no local. “Nessa época eu fiz um guarda sol gigante, para ter minha sombra, plantar as árvores, e sempre está aqui na minha casa e debaixo desse guarda-sol”. Insistindo no plantio de árvores ele finalmente conseguiu fazer com que elas vingassem (figura 16) a partir de um episódio que ele narra:

Eu via uns pés de coração de negro lá no chão, já grandinho já, eu arrancava e plantava aqui, mas só que aqui não nascia, não tinha jeito de nascer, porque eu retirava (sic) ele de um lugar e botava no outro, aí ele morria. Mas só que eu peguei com terra e tudo, botei no saco, trouxe e botei ele, aí pegou, aí saiu, essas arvores toda aí. (SILVA, 2021)

Figura 16 – Mudanças de árvores recém plantadas no espaço da RioTeca, 2010<sup>13</sup>



Fonte: Silva (2010-2019).

Além da importância social da RioTeca para a comunidade de Santa Luzia, existe também uma grande relevância ambiental. O replantio do mangue feito pela PCR após a remoção da Abençoada por Deus foi de enorme importância tanto para o cumprimento parcial do objetivo da ação de urbanização da área impedindo a ocupação por moradia – funcionou evitando palafitas sob o rio (figura 17) – como também para a vida do Rio Capibaribe. Somado

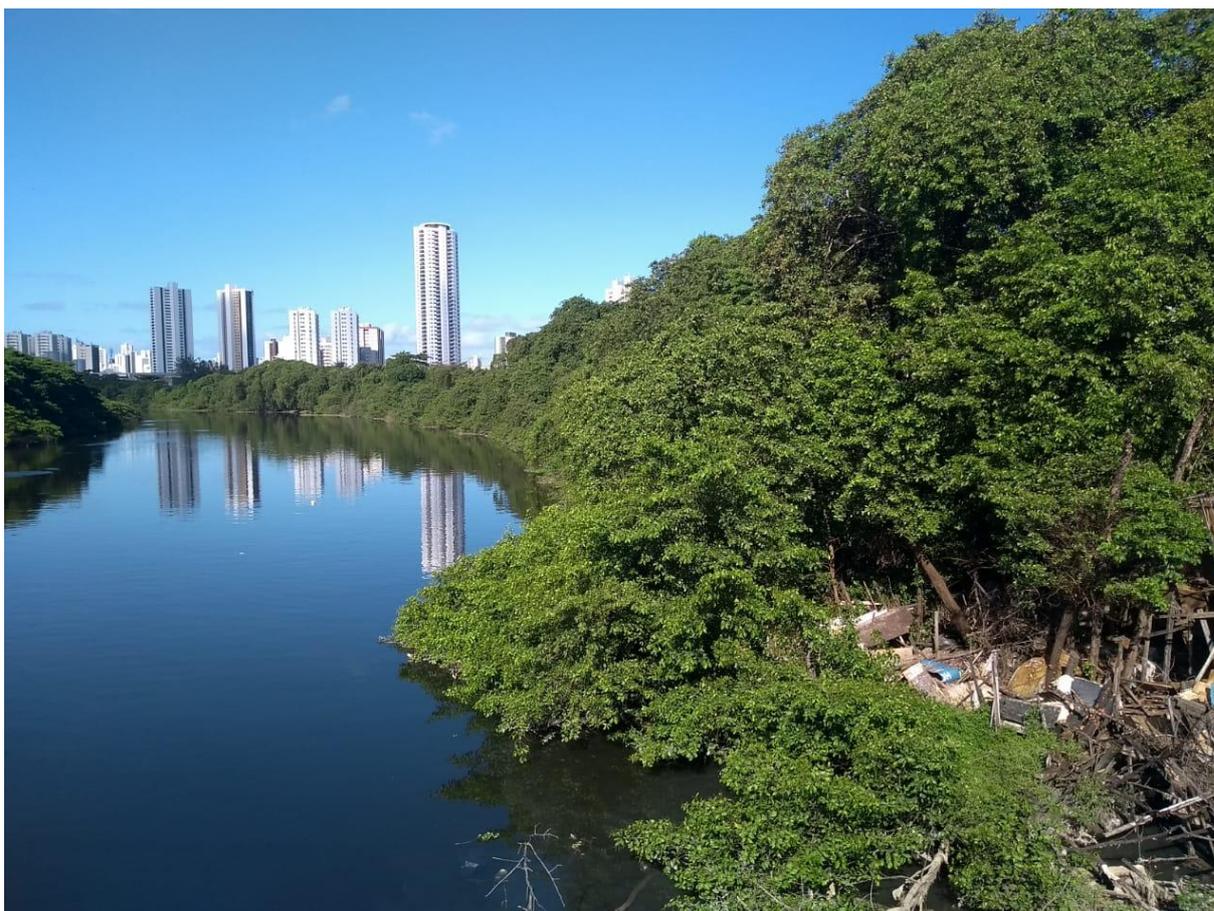
---

<sup>13</sup> As informações de datas presentes nos títulos das figuras que foram obtidas por meio do arquivo pessoal do morador Claudemir Amaro da Silva, foram baseadas nas informações contidas nos metadados das fotografias analisadas. Sendo está uma fonte de pesquisa que corroborou com algumas das constatações apresentadas no corpo do trabalho. Quando não se pôde afirmar com exatidão o ano em que a fotografia foi tirada, o ano provável aparecerá seguido do sinal de interrogação (?)

a isso à atuação de Claudemir na RioTeca, que ao plantar novas espécies de árvores e garantir os cuidados necessários para o espaço, contribuiu também para conservação do mangue da área, que serviu de refúgio por muito tempo para diversos animais, como as capivaras, que eram encontradas com frequência na região da RioTeca (figura 18).

Além disso, Claudemir demonstra ter um senso ecológico bastante apurado, ele sabe da importância da sua ação no plantio das árvores. Esta é a primeira ação que identificamos como tática basal de permanência e consolidação da RioTeca; uma árvore requer tempo para crescer, e depois de consolidada serve como impedimento físico e simbólico para sua remoção. O plantio de árvores por Claudemir foi a primeira ação de urbanismo tático implementada pelo morador. Com orgulho, ele comenta sua ação: “Está aí plantada uma Mata Atlântica na beira do rio Capibaribe” (SILVA, 2021).

Figura 17 – Mangue reconstituído na margem direita do Rio Capibaribe, 2021



Fonte: O autor (2021).

Notas: Mesmo com a reocupação da favela Via Mangue no local, o mangue segue quase que totalmente preservado.

Figura 18 – Capivaras descansando na margem do Rio Capibaribe na praça RioTeca, abril de 2016



Fonte: Silva (2010-2019).

A ação do plantio de árvores originárias da Mata Atlântica poderia ter sido executada pela PCR juntamente com a de requalificação urbana que replantou o mangue da região, algo simples e eficaz, mas seria uma ação extraordinária se levamos em consideração o desleixo que foi a forma do tratamento dado ao local após a remoção das famílias da Abençoada por Deus. Imagens de satélite obtidas na plataforma do Google Earth do ano de 2009 (figura 19), mostram como o espaço ficou desprovido de vegetação após a remoção das casas, seria lógico que para que o espaço fosse utilizado pela população seria necessária uma ação de plantio de

árvores e instalação de áreas cobertas, viabilizando assim o encontro e permanência das pessoas no local, justamente essas foram as primeiras ações de Claudemir no espaço.

Figura 19 – Imagem de satélite com a delimitação das primeiras ações no espaço da RioTeca, novembro de 2009



Fonte: Google Earth (2021).

Ainda na figura 19, é possível observar as primeiras ações de Claudemir com as pequenas mudas recém plantadas e a cobertura no meio do espaço, que já nesse momento começa a destoar do seu entorno. Em um raro registro do ano de 2009 (figura 20) encontrado no acervo de Claudemir, é possível observar as duas intervenções no espaço: a obra da PCR e as primeiras ações de Claudemir. Pode-se observar o banco retangular de concreto, e o “passeio” feito de tijolos que são de autoria da PCR, já as mesas feitas com troncos de árvores e trampas de concreto, assim como, os assentos e as mudas de árvores são de autoria de Claudemir.

Figura 20 – Apresentação em paralelo das duas primeiras intervenções territoriais após a remoção da favela Abençoada por Deus, ano de 2010



Fonte: Silva (2010-2019).

É inevitável a comparação entre a importância dada por esses dois agentes ao espaço, de um lado o desleixo da PCR e de outro o zelo de um morador que entendia a importância do local e exerceu de forma prática o direito à cidade. Aqui entramos num ponto bastante relevante, que é o caráter comunitário da ação do morador, se por um lado é inegável que as suas motivações pessoais foram fundamentais para que ele atuasse na mudança do espaço e ele fosse, juntamente com seus vizinhos, os principais beneficiados da ação nesse primeiro momento, o desenrolar dessa empreitada vai ganhando gradativamente mais a cara de uma ação comunitária, onde existe a figura central do morador que criou e cuida do espaço, mas que ao mesmo tempo não cerceia os usos por outras pessoas, pelo contrário, incentiva a adoção do espaço por mais gente.

O espaço público também pode ser entendido pelo cidadão como uma extensão de sua casa, é o que afirma Gonçalves (2009, p. 222): “ela é uma extensão da nossa casa, pois os espaços públicos são nossos e são locais onde podemos passar uma tarde agradável com a família e outras pessoas”. A fala de Silva (2021) corrobora com essa ideia: “esse espaço aqui não é meu não, é público, é de todo mundo”. Esse caráter público comunitário que vem surgindo no “DNA” da RioTeca, é outra tática de urbanismo identificada nesse espaço, que está mais no

campo do simbolismo e ligado a promoção da cidadania, o que configura uma base da *práxis* da RioTeca.

Posteriormente a iniciativa de Claudemir com a RioTeca influenciou outros moradores próximos, que passaram a fazer construções em forma de abrigo, viabilizando o uso desses espaços para lazer e realização de festas, comércios e outros usos. Assim, passaram a *territorializar* esses espaços, mesmo seguindo como inspiração a ação da RioTeca, essas outras formas de uso que surgiram no local não carregam em si o caráter público comunitário como no caso da RioTeca, ficando mais como uma forma dúbia entre o privado e o público.

É importante sempre lembrar que as pessoas sabiam da irregularidade em se intervir nesse espaço. O território que foi por anos ocupado por casas e havia sido alvo de uma intervenção do poder público não era, em um primeiro momento, entendido como um espaço a ser utilizado pela população para qualquer tipo de construção. O senso comum era de cautela, existia o temor de que se algo fosse construído no local, rapidamente seria derrubado pela prefeitura, por isso as intervenções feitas por Claudemir seguiram critérios bem arquitetados que deram a sua obra uma legitimidade que foi fundamental para garantir a permanência de sua intervenção: primeiro, o plantio de árvores e, em seguida, outra ação fundamental foi a construção de uma biblioteca.

### **5.3 Das táticas de criação**

Visando a coletividade do lugar, uma forma de entretenimento, além de oportunizar o acesso à leitura e educação para os frequentadores do espaço, Silva (2021) construiu uma biblioteca no local: “e eu resolvi né, primeiro plantar árvore. E depois resolvi criar uma pequena biblioteca, porque é daí que as pessoas chegaram aqui vai pegar o livro, vai ler. E a leitura é tudo né na vida de um ser humano”.

Embora o discurso de Claudemir dê a entender que a biblioteca surgiu logo após o plantio das árvores, foi constatado através da análise dos metadados das fotos cedidas pelo morador, que a biblioteca foi construída em algum momento entre o final de 2016 e o começo de 2017, ou seja, entre seis ou sete anos após a primeira intervenção no espaço. Foi por volta desse período também que a corrida pelo domínio território da margem do rio na Vila Santa Luzia se intensificava após os dois incêndios de 2016. Ainda é possível afirmar que é a partir da criação da biblioteca (figura 21) que surge de fato a RioTeca enquanto concepção (união da

biblioteca com o rio). Os elementos chave desse espaço único na cidade do Recife estavam presentes a partir dessa ação.

Figura 21 – Primeiro Letreiro da biblioteca da praça RioTeca



Fonte: Silva [2017?].

A biblioteca fala por si só, é um elemento forte, fundamental para criar uma legitimidade pública na ação do morador. Quem ousaria reclamar da instalação de uma biblioteca? Não faz

sentido. Claudemir sabia disso, e nesse processo de constituição de um Território, que como já mencionado, necessita de ações práticas no espaço que o territorializem, mas também de ações políticas que viabilizem essa condição, ele utilizou desse equipamento – a biblioteca – para consolidar e legitimar seu poder sobre esse território, assim, cumprindo um dos principais objetivos de sua atuação na área: impedir a volta das palafitas.

Através de um vídeo encontrado no acervo que Claudemir possui e disponibilizou para essa pesquisa, foi encontrada uma fala que corrobora com o argumento de que a biblioteca foi criada também com a intencionalidade de proteção territorial da RioTeca. No vídeo<sup>14</sup> Claudemir diz o seguinte: “comecei isso aqui aos poucos, plantando árvores, criei essa ideia da biblioteca porque com a biblioteca a gente tem como inibir a ‘turma’ de querer invadir o espaço, entendeu?”

É inegável a importância da biblioteca à RioTeca e seus usuários, a iniciativa trouxe acesso a livros para as pessoas mais carentes da Vila Santa Luzia, e sobretudo para as crianças (figura 22). Isso oportunizou, em um espaço ao ar livre, um lugar para a construção do conhecimento. E, concomitantemente, garantiu perante a opinião pública uma legitimidade para aquele território. Durante esse processo, no qual o abandono e ausência de ações da PCR colocava novamente esse trecho da margem direita do rio Capibaribe em situação de disputa, a favela voltava a crescer e essa ação de Claudemir foi um contragolpe eficaz, mas não foi o único.

---

<sup>14</sup> Vídeo encontrado nos arquivos do acervo pessoal de Claudemir Amaro da Silva. No vídeo, o morador faz o relato durante uma entrevista, o vídeo possui duração de 4:41, e não é o oficial da entrevista, mas uma visão de bastidor gravada por alguém próximo ao morador.

Figura 22 – Crianças leem na biblioteca improvisada da RioTeca, Vila Santa Luzia, 2017



Fonte: Silva (2010-2019).

Na verdade, a ação de Claudemir no espaço, que se iniciou em algum momento entre o final de 2009 e o início de 2010, mas só veio a se intensificar de fato a partir de 2016, como apurado a partir das imagens encontradas no acervo pessoal do morador, esse ano foi justamente o de ocorrência dos dois incêndios que atingiram os barracos da favela Via Mangue da Torre. Nesse episódio mais de 200 famílias perderam suas casas e precisaram procurar novos espaços para reconstruir suas moradias. Essa constatação decorre da acelerada evolução da praça.

Registro do natal de 2015 (figura 23) mostra que embora já territorializado, o espaço ainda não possuía tantas mesas, cadeiras e outros equipamentos que foram sendo adicionados a praça nos anos seguintes com maior rapidez.

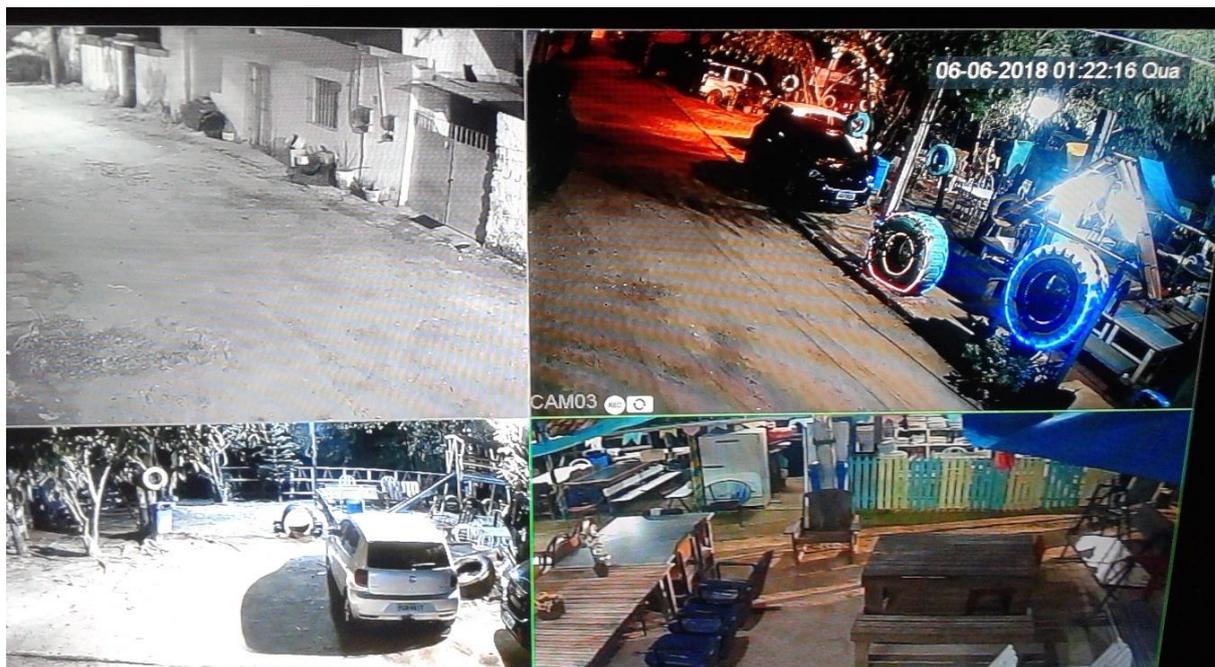
Figura 23 – Praça RioTeca no Natal, 2015



Fonte: Silva (2010-2019).

Rapidamente nos anos seguintes foram atribuídos a RioTeca vários equipamentos, o espaço chegou a possuir televisão, sofás de balanço, geladeira, pia com espelho e até câmeras de segurança (figura 24), a grande parte dos equipamentos frutos de doação e tudo organizado pelo morador.

Figura 24 – Imagens do circuito de câmeras de segurança da praça RioTeca, ano de 2018

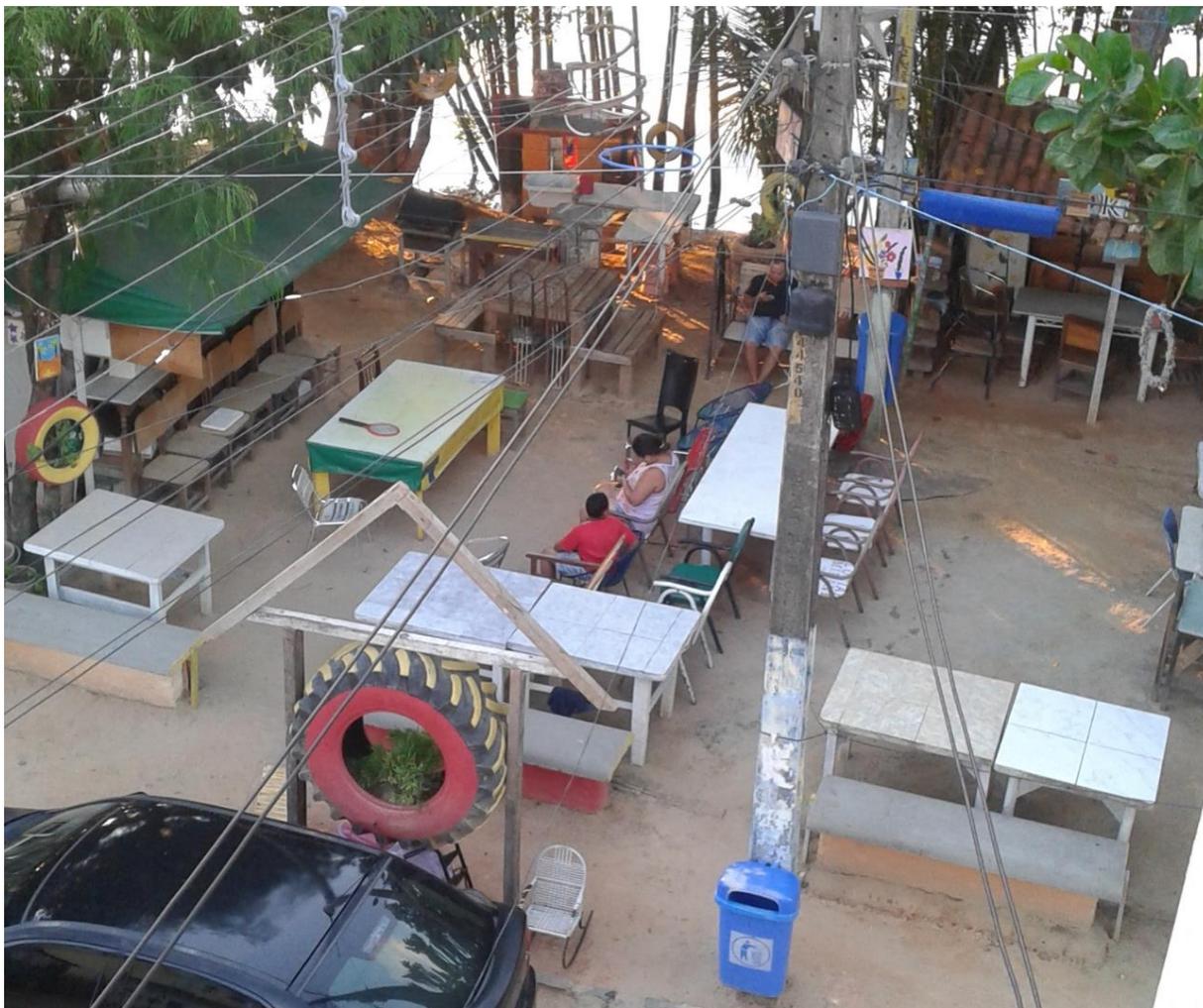


Fonte: Silva (2010-2019).

Ele recolhia do lixo boa parte do material que era implementado na praça, e dava novamente função aos equipamentos, a maior parte das mesas e cadeiras disponíveis na praça passaram por “cirurgia” para serem utilizadas novamente, Claudemir fez uso das suas habilidades de carpintaria para torna a praça um lugar aconchegante para os seus usuários (figura 25).

Tudo que eu pegava do lixo eu transformava para ser utilizado de novo. Como eu sou marceneiro, preferir cuidar do espaço, e pegar tudo... eu andava na rua e olhando pela calçada para ver se tinha alguma coisa que interessava para a RioTeca. Ai banco, cadeira, mesa... tudo eu pegava ajeitava, e botava aqui pra funcionar de novo. Para as pessoas utilizar né. (SILVA, 2021)

Figura 25 – Disposição espacial do mobiliário da praça RioTeca, Vila Santa Luzia, abril de 2017



Fonte: Silva (2010-2019).

Foi no ano de 2017 que a praça ganhou mais equipamentos, foi colocada uma lona na área central da praça, protegendo os frequentadores dos fenômenos naturais, foi feita uma varanda de frente para o rio, e foi nesse momento que o parque infantil foi construído. Com o tempo, o espaço foi ganhando várias formas de uso que eram possibilitadas pelos equipamentos lá disponíveis (figura 26, b), a cobertura de lona e as árvores faziam a proteção contra o sol e a chuva, as mesas e cadeiras que existiam em grande quantidade permitiam a acomodação de muitos grupos simultaneamente, a biblioteca dava a opção do estudo e leitura, a televisão (figura 26, a) agregava as pessoas em dias de jogos de futebol, telejornais, novelas e etc.

Figura 26 – Visão interna da RioTeca



Fonte: Silva (2010-2019).

O espaço sediou vários eventos dos mais variados, desde festas de aniversário (principalmente infantis), eventos religiosos e até bingos, como pode ser observado na figura 27. A RioTeca conseguia em um só equipamento cumprir diversas demandas da vida do povo da Vila de Santa Luzia.

Essa complexidade de usos possíveis se dava muito em relação a mobilidade espacial dos objetos, a função física de cada objeto desse espaço interage com as práticas sociais possibilitadas. Em resumo, a mobilidade espacial dos objetos presentes na praça eram o fator que permitia várias formas de uso, o espaço se adequava conforme o evento, se reorganizava, demonstrando uma plasticidade frente à necessidade.

Figura 27 – Eventos realizados na praça RioTeca



Fonte: Silva (2010-2019).

A presença da biblioteca no local e a proximidade com o rio, tornaram a praça um importante local de estudo para os frequentadores do espaço e uma importante ferramenta para a educação ambiental. Sabendo das possibilidades geradas pela RioTeca, escolas públicas do bairro por vezes levaram seus estudantes para aulas de campo na RioTeca (figura 28).

Figura 28 – Estudantes em aula na praça RioTeca



Fonte: Silva (2010-2019).

O espaço da praça RioTeca também possibilita a promoção da cultura, esse aspecto foi aproveitado por contadores de história, que levaram literatura infantil para as crianças que frequentam a praça (figura 29).

Figura 29 – Contadora de histórias infantis na praça RioTeca



Fonte: Silva (2010-2019).

O espaço passou a ser mais conhecido e a biblioteca, assim como a praça como um todo, passou a receber ainda mais doações, que geralmente eram de livros, mesas, cadeiras, pallets de madeira, pneus, entre outros, tudo sempre muito bem aproveitado por Claudemir, que conseguia agregar esses diversos elementos ao espaço.

Sobre a biblioteca (figura 30), ela era sim utilizada por crianças e outros usuários, mas não havia um grande uso desse espaço para a leitura. Soma-se a isso a presença da cerca, que foi colocada na biblioteca por Claudemir a fim de proteger o acervo, mas, que por outro lado, acabava limitando o acesso ao espaço. Para entrar na biblioteca, quando fechada, era necessário chamar Claudemir, caso não o encontrasse, o frequentador precisaria se esticar e pegar o livro que alcançasse. Dessa forma a biblioteca agia mais como um elemento simbólico da paisagem da RioTeca, do que um elemento prático de uso sistematizado.

Figura 30 – Biblioteca RioTeca abarrotada de livros, ano de 2018

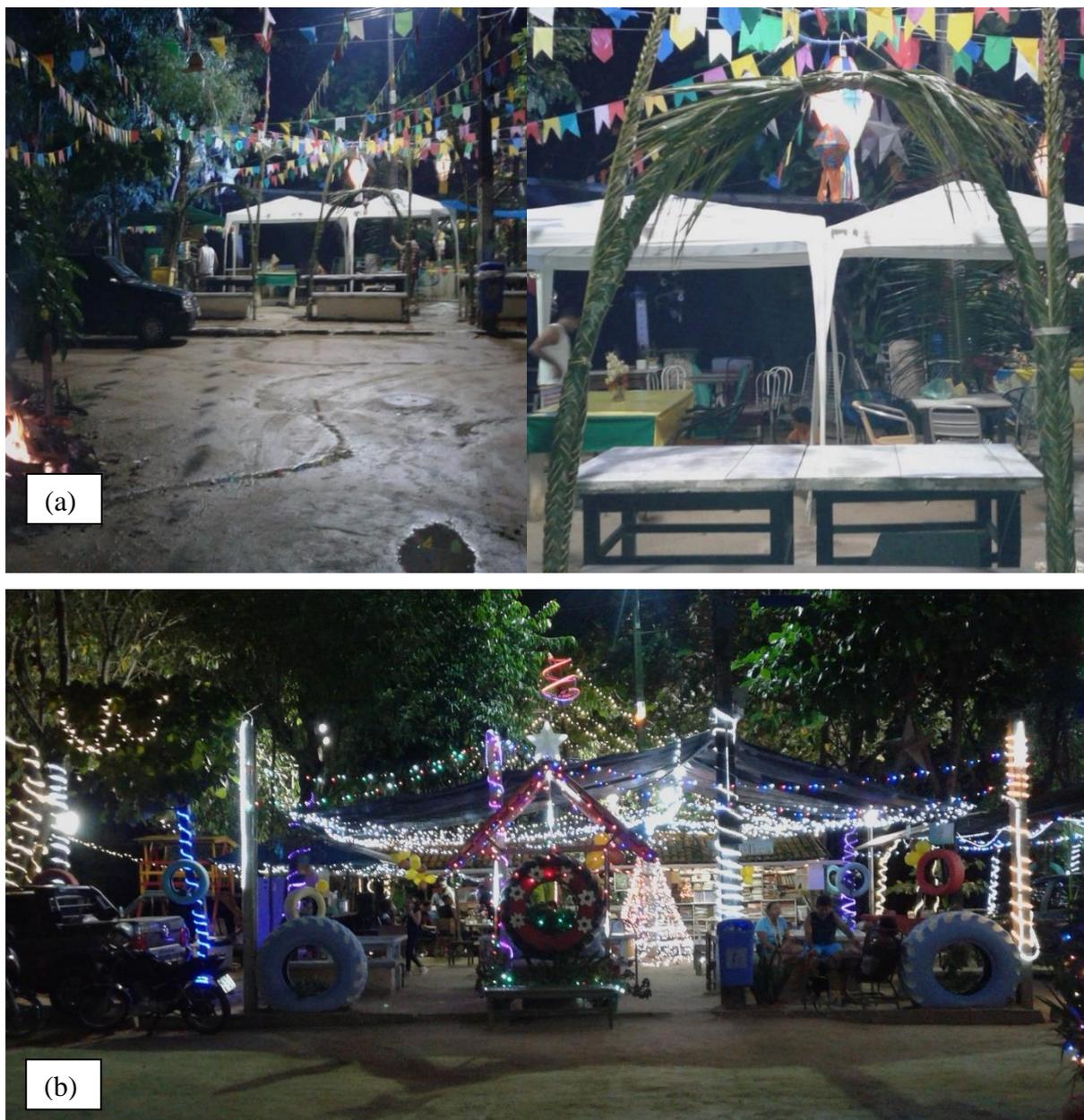


Fonte: Silva (2010-2019).

Outro ponto a se comentar sobre a praça RioTeca é a sua estética, sua morfologia; a praça é um elemento morfológico das cidades, sobretudo das ocidentais, ela se distingue do seu entorno pela organização espacial e pela sua intencionalidade de desenho, de forma (LAMAS, 1993). A praça idealizada por Claudemir, tinha intencionalidade, ele adicionava esses elementos bastante variados, mas sempre com preocupação em relação a estética da praça, com bastante cor e muitas luzes.

O espaço passava por transformações temáticas em datas comemorativas e em festas de aniversário, essa união entre a intencionalidade na forma e modo de uso é uma característica das praças, já que a forma é o que limita ou potencializa os usos. Alguns exemplos dessas “roupagens” que a praça recebia durante eventos importantes durante os anos podem ser observadas na figura 31.

Figura 31 – Praça RioTeca decorada para festividades



Fonte: Silva (2010-2019).

Notas: Foto (a) – Praça RioTeca decorada para as festividades do São João de 2016; Foto (b) – Praça RioTeca decorada e iluminada para as festividades do Natal de 2017.

Se a biblioteca é simbolicamente uma das principais ações de Claudemir para a garantia territorial do espaço da RioTeca, a construção do parquinho infantil é a ação de maior impacto prático. A ideia da pracinha surgiu de uma doação da síndica de um prédio resolveu que se “livrar” de um parquinho que já estava gasto, e Claudemir foi chamado para recolher a peça. Inicialmente a síndica iria pagar para que ele removesse o parque, mas Claudemir recusou, ele imaginava que o parque poderia ser uma nova adição para a praça RioTeca.

Meu irmão trabalha de zelador num prédio, aí disse assim: - Claudemir, vem aqui no prédio que a síndica quer que tu cobre (sic) para tirar esse parquinho daqui.

Aí eu disse a ele assim: não precisa pagar não, que eu vou precisar desse parque

Eu preferi, tirar o parque e não cobra nada a ela, para botar o parque aqui do lado da RioTeca. (SILVA, 2021)

O parque infantil era um desejo de Claudemir, mas essa ideia não recebeu apoio dos moradores próximos, na verdade nem a própria família dele o apoiou na ideia. Mesmo isolado, Claudemir persistiu na ideia de construir um parquinho, ele enxergava na ação mais uma forma de sustentação para o seu projeto, além de ofertar lazer para as crianças da comunidade, que não tinham locais pensados para o lazer próximo de suas casas. Ele conta como se deu o processo de montagem do parque infantil, “deixei o parquinho aqui atrás, aí um dia que eu tive um tempo, a minha vontade era montar aquele parque, na minha mente eu tinha que montar aquele parque logo” (SILVA, 2021).

Mais uma vez, as habilidades com a madeira foram fundamentais para que o parque saísse da mente de Silva (2021) e se tornasse realidade: “aí eu peguei umas madeiras né, porque estava tudo quebrado, comprei uns parafusos desses de 1m, comprei porca, arruela e peguei minhas ferramentas e fui, né.”

Durante o processo de montagem do parque, ele foi alvo de algumas críticas (como já mencionado ele estava sozinho nessa ideia de construção do parque infantil), mas Silva (2021) rebateu: “eu... eu estou fazendo uma coisa aqui, não estou fazendo mal a ninguém não. Eu estou fazendo um negócio para alegria de todo mundo aqui da comunidade”. Um dos primeiros argumentos desse trabalho foi o esvaziamento de espaços públicos de lazer. Essa visão empírica também consta na fala de Claudemir, que ao argumentar sobre a necessidade do parque infantil na praça RioTeca, cita o pouco uso da praça da Torre: “vê, aqui aí pessoal tem aquela praça da Torre, ninguém vai para lá. [...] Se eu montar esse parque (figura 32) aqui vai deixar as criancinhas ficar à vontade aqui, perto das suas casas”.

Figura 32 – Parque infantil da RioTeca, 2017



Fonte: Silva (2010-2019).

A RioTeca é a materialidade da união entre táticas de intervenção social e táticas de intervenção territorial, Silva (2021) enxergou no parque infantil essas duas possibilidades, e mesmo sem apoio seguiu conscientemente a sua ideia, tendo êxito.

Montei esse parque. Nem a minha família queria que eu montasse esse parque. Ninguém foi a favor de mim, ninguém, ninguém, ninguém aqui da área foi a favor de montar esse parque aqui. Mas mesmo assim eu fui, montei né, porque sabia o que vinha depois... o que foi a volta das palafitas de novo, aí vieram com força. [...] E com o parque as pessoas iam pensar, se meu filho brincar ali eu não vou invadir aquele espaço. Foi dito e feito. Se eu não tivesse feito isso aqui... aqui tudinho, eu não ia segurar, isso aqui é público eu não ia segurar isso aqui, através desse parque foi a segurança disso aqui.

A fala de Claudemir é bastante clara, todas as suas ações na RioTeca foram dotadas de simbolismos e intencionalidades, o que mais impressiona é a expertise e noção de realidade em suas tomadas de decisão. O plantio de árvores, a biblioteca e o parquinho, se amarram e dialogam entre si através do caráter comunitário da ação, tudo pensado de forma a atender as necessidades coletivas da comunidade de Santa Luzia.

A biblioteca se encarrega de dialogar com o externo, sendo um importante símbolo; o peso da biblioteca frente ao parque e as árvores é maior, socialmente é mais relevante, por isso

a sua exposição “midiática” cumprindo o papel de dialogar com o mundo exterior, que não conhece a realidade do espaço, seus conflitos e obstáculos. Nada mais inteligente que esta ação esteja na capa da intervenção, sendo colocada em um letreiro, dando o nome ao espaço. Por outro lado, para dentro, dialogando com o mundo interior dessa realidade, onde a ação precisa ser mais prática e ativa para que se superem os obstáculos que batem à porta, surge o parque infantil, que dá as crianças da favela um espaço único e privilegiado, onde os pais podem levar seus filhos sem precisar se deslocar muito, onde as crianças são acolhidas com segurança. O parque é a própria segurança, tanto para as crianças, quanto para o espaço.

Um espaço público como a RioTeca não surge todos os dias, permeado por uma complexidade de ideias, de táticas e de ações, que até poderiam ser pensadas em um grande plano estratégico para a criação de espaços públicos que realmente atendessem os anseios e necessidades das comunidades. A RioTeca é, sobretudo, uma aula para os planejadores urbanos. A possibilidade de replicação, é uma característica do Urbanismo Tático, ideias e ações que se mostraram assertivas e eficazes podem ser utilizadas em contextos semelhantes (NOGUEIRA, 2017).

Para garantir seu espaço nesse território em disputa, a praça não precisou levantar muros, criar barreiras a fim de delimitar seu território, pelo contrário, ofereceu elementos para que a comunidade se apropriasse desse espaço, utilizasse ele. “A turma queria eu cercasse, delimitasse onde eu estava cuidando né, eu digo não, precisa cuidar não porque isso aqui é pra todo mundo da comunidade” (SILVA, 2021), utilizando métodos democráticos, Claudemir assumia perante a comunidade não ser o dono desse espaço, e ao apontar esse conflito, lembrou que a sua ação foi feita ao seu modo, sem reconhecimento público por parte do município.

Se a pessoa quiser invadir um espaço desse aqui a gente vai fazer uma reunião se ele ganhar, ele faz barraco dele. A população que usufrui disso aqui, com os filhos, todo mundo aqui. faz festa aqui 0800, né, tinha geladeira, freezer, fogão... Tudo do meu jeito né porque era uma construção irregular como... a Prefeitura veio aqui é... os órgãos da Prefeitura aí veio (sic) aqui. É... notificar, né... e... vamos continuar o que eu falei anteriormente... (SILVA, 2021)

O desconforto do morador ao comentar sobre a Prefeitura, levanta a conflituosa relação entre a RioTeca e o Estado.

## 6 A RIOTECA E O ESTADO

A RioTeca é um equipamento urbano da cidade do Recife que pode ser analisado de diversas perspectivas: pode-se analisar a importância e o impacto social proveniente dos elementos presentes nesse espaço; compreender a importância da ação popular na produção das cidades fazendo valer o direito à cidade; discutir a importância ecológica na construção de um senso ambiental na população, entre outros. Esse trabalho, no entanto, busca compreender as motivações da construção da praça, seus obstáculos e avanços, bem como as táticas utilizadas por um morador para que a praça fosse viabilizada e persistisse nesse ambiente de disputa territorial. Já discutimos que um dos principais obstáculos para a RioTeca foi também o catalisador da permanência dessa praça: a favela Abençoada por Deus e sua reocupação cumpriu esse papel. Mas, após superada essa questão, o que mais poderia ameaçar a existência da praça RioTeca?

### 6.1 RioTeca, o inimigo agora é outro

A reocupação pela favela na margem do Rio Capibaribe na Vila Santa Luzia foi durante muito tempo o principal obstáculo a ser superado pela RioTeca, ao mesmo tempo, serviu de combustível para as intervenções do idealizador da praça, Claudemir. Os principais equipamentos implementados na praça sempre tinham como objetivo o impedimento do uso daquele solo para moradia. Claudemir acreditava que o espaço poderia ter uma função social e conseguiu, com suas táticas urbanas, dar ao espaço os elementos que consolidaram a RioTeca perante a comunidade de Santa Luzia e a sociedade.

A prestação de serviços que a RioTeca dá aos moradores da comunidade é emblemático. Essa ação poderia ter sido reconhecida pela gestão do município como uma vitrine, um exemplo a ser observado, entendido e, quem sabe, até reproduzido em outras áreas da cidade do Recife. Poderia vir a ser uma inspiração para a forma de planejamento estratégico para as regiões mais pobres da cidade, levando educação, cultura e lazer em um só equipamento público, além de adotar líderes locais para desempenhar a função de cuidador desses espaços, colocando a população em um lugar de destaque no exercício da cidadania.

Entretanto, mesmo diante do conhecimento do público sobre o fenômeno RioTeca, de uma exaltação da ação de Claudemir nos veículos de comunicação locais e até nacionais – a RioTeca já teve sua história contada em jornais como o Diário de Pernambuco, Jornal do Comercio, NE1, Jornal Nacional, dentre outros veículos de comunicação de mídia – a gestão de Geraldo Júlio do PSB, então Prefeito da cidade do Recife no ano de 2019, parecia desconhecer a existência da praça RioTeca.

A gestão da PCR no ano de 2019, não apenas demonstrou um desconhecimento acerca da existência da praça RioTeca, de sua história e importância para os moradores, mas foi além, e a partir de uma denúncia anônima de construção irregular na área, e por meio da Secretária de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente, autuou Claudemir por construção irregular, estipulando um prazo de 30 dias para a remoção do equipamento urbano. Essa ação foi reportada pelo Jornal do Comercio em 13 de junho de 2019:

Durante a inspeção, o município emitiu auto de infração para seis moradias às margens do rio, na Rua Eliezer Olímpio de Moura. Nessa ocasião, segundo o texto da nota, a equipe constatou “a presença de uma área de lazer” na comunidade.

“Todos os responsáveis foram autuados para poderem prestar os devidos esclarecimentos à gestão municipal no prazo de 30 dias, ainda vigente”, informa a secretaria. Na mesma nota, a prefeitura avisa que vai “acionar a Secretaria Executiva de Inovação Urbana (do Recife) para conhecer melhor o projeto, uma vez que a pasta possui expertise e parcerias com iniciativas similares levadas a cabo pela população.” E acrescenta que “a legislação prevê atenuantes para áreas de uso coletivo e com replantio de espécimes da flora local.” Nota da Prefeitura da Cidade do Recife (PREFEITURA, 2019)

Como resposta, os moradores da comunidade de Santa Luzia fizeram um abaixo assinado e, posteriormente, a situação foi revertida por meio da articulação entre a comunidade e o Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH), grupo de advocacia popular que deu apoio jurídico à RioTeca. Além da resposta da comunidade à ação, a sociedade como um todo também protestou. A notícia foi veiculada na imprensa e em páginas nas redes sociais que possuem grande alcance na cidade do Recife (figura 33), e a resposta popular fez com que o executivo do município mudasse de postura.

Figura 33 – Print de postagem na rede social Instagram, pagina Recife Ordinário faz *post* sobre notificação da praça RioTeca utilizando reportagens do JC e NE1

27 de junho • Ver tradução



recifeordinarioo • Seguindo

Comunidade Da Torre



# URGENTE



## Prefeitura notifica praçinha comunitária às margens do Rio Capibaribe



163.588 visualizações • Curtido por

Fonte: Silva (2010-2019).

## 6.2 O que diz a legislação?

Assim como mencionado em outros momentos do texto, a área onde a RioTeca está localizada, é uma Área de Preservação Permanente (APP). Sendo assim, a intervenção nesse espaço é irregular. No Brasil, visando a proteção dos rios que compõe o país, o Código Florestal Brasileiro (CFB) estabeleceu, em seu artigo 3º inciso II, que são consideradas APP: “área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas”. Ainda consta no texto da lei, a definição de áreas de interesse social (inciso IX). O tópico c) fala de áreas de lazer, podendo ser entendido como um atenuante para a viabilidade de espaços públicos, “a implantação de infraestrutura pública destinada a esportes, lazer e atividades educacionais e culturais ao ar livre em áreas urbanas e rurais consolidadas, observadas as condições estabelecidas nesta Lei”.

O capítulo II “DAS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE” do CFB, em sua sessão I “Da Delimitação das Áreas de Preservação Permanente”, no Art. 4º, delimita o que são APP em zonas rurais e urbanas. O inciso I, determina que

As faixas marginais de qualquer curso d’água natural, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de:

- a) 30 (trinta) metros, para os cursos d’água de menos de 10 (dez) metros de largura;
- b) 50 (cinquenta) metros, para os cursos d’água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;
- c) 100 (cem) metros, para os cursos d’água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;
- d) 200 (duzentos) metros, para os cursos d’água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;
- e) 500 (quinhentos) metros, para os cursos d’água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros;

Ou seja, conforme o CFB, as margens do Rio Capibaribe se encontram em Área de Preservação Permanente. Outras legislações municipais também caminham no mesmo sentido. É o caso O Plano Diretor do Município do Recife (PDMR), que foi estabelecido em 23 de abril de 2021, e estabelece na cidade zoneamentos, um desses é a Zona de Ambiente Natural (ZAN), a define no Art. 39 do documento:

Corresponde à porção do território do Recife estruturada pelas bacias dos Rios Beberibe, Capibaribe e Tejipló, com predominância de áreas não urbanizadas, forte presença de remanescentes de mata atlântica e seus ecossistemas associados e Unidades Protegidas, sobretudo da categoria de Unidades de Conservação da Natureza (UCN).

Esse zoneamento, ainda possui subdivisões em relação aos corpos hídricos que compõe as bacias hidrográficas do município, nesse sentido, a RioTeca está localizada na Zona de Ambiente Natural Capibaribe (ZAN Capibaribe). As áreas ZAN, tem como objetivo “garantir padrões sustentáveis de ocupação, preservar e potencializar seu sistema hídrico-ambiental e a conexão entre eles” (PDMR, Art. 40. 2021). O Art. 41 do PDMR, define as diretrizes para as ZAN, e dentre os oito incisos contidos no texto, destacamos cinco, que podem ser analisados a partir da ótica da RioTeca:

I - conservar os remanescentes de mata atlântica e seus ecossistemas associados, por meio da compatibilização do uso do solo com a preservação dos elementos naturais;

III - recuperar as áreas degradadas de acordo com as peculiaridades de cada área, da extensão do dano observado e da solução técnica exigida pelo órgão público municipal competente, de modo a incentivar suas qualidades ambientais materiais e imateriais;

V - promover ações de educação ambiental sobre aspectos favoráveis à recuperação, proteção, conservação e preservação do ambiente natural;

VI - intensificar o controle urbano a fim de coibir as ocupações não planejadas e/ou incompatíveis com o uso sustentável do território.

VII - proteger as espécies vegetais e animais, especialmente as ameaçadas de extinção.

Como foi exposto ao longo da discussão do presente trabalho, a praça RioTeca surgiu a partir de táticas urbanas diretamente ligadas a reocupação por moradia na área, as ações implementadas no espaço, caso observadas sob o olhar do texto das leis que regulamentam áreas de proteção ambiental no Brasil, podem ser enquadradas em atenuantes que constam no texto, seja para áreas de lazer e interesse social como consta no CFB, ou até mesmo para coibir as ocupações não planejadas e/ou incompatíveis com o uso sustentável do território, como é apresentado no inciso VI do Art. 41 do PDMR.

Nesse sentido, por mais que intervenções em margens de rios tenham leis rígidas que visam proteger o meio natural, a ação da RioTeca, não necessariamente passaria por infringi-las em sua totalidade.

Por outro lado, a ilegalidade desse tipo de ocupação não somente diz respeito às leis ambientais, outras questões como o uso de água e luz elétrica, comumente não são respeitados em espaços como estes. Na favela, muitos moradores não tem acesso a esses serviços, sempre arranjam formas paralelas de se consegui-lo. A RioTeca, por estar localizada nesse território e por ter sido feita com baixos recursos, também se encontra imersa nesse cenário. Toda via, as favelas e outras ocupações similares, são preteridas de políticas inclusivas. O Estado, em contra partida, também deixa de prestar serviços básicos para esses territórios.

Contudo, o CFB cumpre um papel fundamental no Brasil, a proteção das margens dos rios é essencial para que as futuras gerações possam viver um país justo e funcional ambientalmente. É lamentável que nos últimos anos as políticas ambientais venham sendo usurpadas no Brasil, é com temor que acompanhamos um desmonte nesse setor, que já interfere e ameaça diretamente as APP, no dia 26 de ago. de 2021 foi aprovada na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei (PL) 2510/2019, que altera a proteção de margens de rios em áreas urbanas. Se hoje, sobretudo quem ocupa e/ou promove intervenções nessas áreas são as populações mais pobres por falta de alternativas, talvez, em um futuro não tão distante, sejam os interesses dos mais ricos que modifiquem as paisagens ribeirinhas nos centros urbanos.

Por fim, a notificação recebida por Claudemir, representante da RioTeca, não foi de total erro, na verdade cabe os municípios fiscalizarem as margens de seus rios, visando a preservação desses espaços, entretanto, a forma como tudo ocorreu é que parece não ter sido a correta, percebendo o erro, logo em seguida o espaço foi abraçado pelo executivo do município e recebeu uma obra de requalificação.

### **6.3 RioTeca x Parque Capibaribe**

Após o conhecimento por parte da Prefeitura da Cidade do Recife da existência da RioTeca, surgiu, por meio da Secretária de Inovação Urbana, um interesse em requalificar aquele espaço, já que existem outros exemplos positivos de espaços de convivência às margens do Capibaribe, como o Jardim Secreto, no Poço da Panela, e o Jardim do Baobá, nas Graças. Este segundo, é uma outra área de lazer nas margens do Capibaribe, mas de origem do Município, esse espaço é uma espécie de “trailer” do projeto Parque Capibaribe. Esse projeto tem como principal pilar a revitalização das margens do rio Capibaribe que corta a cidade do Recife, com a construção de um parque urbano. O projeto prevê uma intervenção de 30

quilômetros de margens (15 km de cada lado) até 2037, ano que o Recife completa 500 anos (PARQUE, SD).

Para Circe Gama Monteiro, Coordenadora do INCITI/UFPE (PARQUE, SD), “o Jardim do Baobá é um projeto singelo, pois esse miolo da cidade tem uma incrível qualidade ambiental e o Parque Capibaribe vem para honrar a natureza, o rio”, entretanto, as intervenções previstas no projeto dessa obra iniciaram em espaços da margem esquerda do Capibaribe, onde estão localizados os bairros nobres da cidade (Casa Forte, Jaqueira, Graças etc.). O primeiro espaço público advindo desse projeto é o Jardim do Baobá, no bairro da Jaqueira z/n do Recife, é lá próximo, no bairro das Graças, que em breve será construído o Parque das Graças, outra intervenção do projeto Parque Capibaribe. O Parque das Graças já teve suas obras iniciadas e gerou bastante polêmica por desmatar uma grande área de mangue (figura 34) para o seu início. Essa ação foi feita exatamente em uma área de descanso para Capivaras, que tiveram de procurar outros refúgios pelo curso do rio. A PCR informou que todas as licenças ambientais foram emitidas e que o mangue será replantando com o desenvolvimento da obra.

Sandy Vieira, arquiteta responsável pela requalificação da praça RioTeca, conta que a intervenção na Vila Santa Luzia foi uma ação pontual e não faz parte do projeto Parque Capibaribe. Ela ainda comentou, em entrevista concedida para esta pesquisa, que uma dificuldade da gestão pública é integrar os vários projetos existentes. Ainda segundo a arquiteta, talvez a RioTeca nem tenha sido mapeada no projeto, isso ressalta a invisibilidade do espaço perante o olhar do Poder Público da cidade.

O parque Capibaribe ele pega essa rota que tem o Jardim do baobá, tem agora o parque das Graças, que estão fazendo, mas eu não sei se estava ou se chegou a ser mapeada a RioTeca. Mas eu sei que não estava no projeto a RioTeca, e outras áreas também próximas a comunidades. (VIEIRA, 2021)<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Sandy Vieira e Rafael Nigro, no dia 28 de julho de 2021, por meio da plataforma Google Meet devido as restrições de distanciamento social impostas pela pandemia da COVID-19.

Figura 34– Área desmatada para a construção do Parque das Graças, na margem esquerda do Rio Capibaribe, bairro das Graças, 2021



Fonte: Cavalcanti (2021).

Talvez outro empecilho seja a desigualdade, pois, na cidade do Recife, o Rio Capibaribe age de certa forma como uma barreira, segregando ricos e pobres. Como já mencionado, o lado esquerdo ao rio é composto por partes nobres da cidade, já a margem direita é onde estão instalados, em grande parte, as populações menos favorecidas economicamente. Essa questão coloca uma outra barreira para as intervenções urbanísticas na margem direita, pois seria necessária uma realocação dos moradores para que o parque linear proposto pelo Parque Capibaribe avançasse. Todavia, a praça RioTeca já havia, ao seu modo, superado essa questão e garantido um território para o lazer e promoção da cidadania, caso tivesse sido mapeado, certamente poderia integrar esse projeto, que conta com mais recursos.

A implantação do Jardim do Baobá, com 700 metros quadrados de gramado e um píer flutuante, tem custo estimado de R\$ 800 mil, financiados por um mecanismo de compensação ambiental denominado Projeto de Revitalização de Áreas Verdes (Prav). Essa compensação é relativa à obra de ampliação do Real Hospital Português. (PARQUE, SD)

Enquanto a primeira intervenção do Parque Capibaribe, o Jardim do Baobá, teve um custo estimado em R\$ 800 mil, a obra de requalificação da RioTeca, teve orçamento bem inferior. Na verdade, a comparação entre os projetos, mesmo que necessária, não é inteiramente correta, a ação da PCR na RioTeca mais se assemelha a intervenção feita em outro espaço de convivência nas margens do Capibaribe, o Jardim Secreto do Poço da Panela, que também está na margem esquerda, em área nobre. A obra de requalificação da RioTeca precisou de muitos parceiros, inclusive do setor privado para que fosse viável, como consta na nota da Secretaria de Inovação Urbana:

A RioTeca é o segundo Transplante Urbano do Recife realizado pela Secretaria Executiva de Inovação Urbana. A iniciativa é fruto da parceria com a Concrepoxi Artefatos e, literalmente, transplantou para a área uma praça que havia sido montada na CASACOR 2019. A intervenção também é fruto do apoio direto do Banco Itaú e Armazém 1507, totalizando um investimento de R\$ 300 mil. Destes, R\$ 200 mil são provenientes da própria Prefeitura do Recife e R\$ 100 mil da iniciativa privada. (PREFEITURA, 2021)

Nota-se, portanto, uma desigualdade se comparados ambos projetos, mas nem tudo pode ser resumido em números. Nesse sentido, iremos a partir daqui compreender como se deu o processo de execução da obra de requalificação, na RioTeca.

#### **6.4 À Requalificação**

A requalificação da praça RioTeca não era algo planejado pela PCR, fruto de longo estudo como o projeto Parque Capibaribe, na verdade a intervenção surge após uma denúncia de ocupação irregular da margem do Rio Capibaribe, como já foi discutido anteriormente. Para a PCR surgia uma oportunidade de limpar sua imagem perante a população. Robba e Macedo (2003, p. 46) escrevem que “a grande visibilidade do espaço livre público urbano e sua importância dentro da cidade transformam praças em objetos de veiculação e propaganda política. Porque a criação e a manutenção destes espaços públicos têm um efeito muito positivo

na aprovação dos cidadãos”. Para a Prefeitura do Recife e surgiu uma oportunidade de retomar o protagonismo.

A prática urbana, heterotopia (LEFEBVRE, 2002), surge a partir de situação de tensão, quase que como o único caminho possível, não sendo uma alternativa. A tensão surge da utopia do sujeito em confrontar a isotopia do Estado, nas palavras de Lefebvre “A diferença isotopia-heterotopia”, segundo ele, “só pode ser entendida dinamicamente [...] Os grupos anômicos<sup>16</sup> constroem espaços heterotópicos que acabam sendo retomados pela práxis dominante” (LEFEBVRE, 1970 apud HARLEY, 2014). A práxis dominante vem do Estado, e nesse sentido, a lógica empregada em uma ação tática horizontal pode ser parcial ou totalmente perdida caso aja uma intervenção do poder do Estado sobre o que já havia sido contraído previamente. A RioTeca, irregular perante o Estado, passou por esse processo.

Toda via, superada a fase da denúncia, a PCR por meio da Secretaria de Inovação Urbana, iniciou-se as conversas com a comunidade para que a obra fosse executada. A superação dessa situação por parte da PCR passou também pela figura de Túlio Ponzi, Secretário da pasta de Inovação Urbana, que foi uma voz importante na defesa da praça RioTeca, juntamente com os moradores, coletivos e a mídia.

Um ator de dentro da Prefeitura viu que aquele espaço tinha um valor, um significado, valor social, uma função social extremamente importante, além disso, já era consolidado, então não se poderia ser visto como qualquer espaço à margem do rio, com uma restrição de construção, de ocupação. Fora que a gente tem outros espaços que são ocupados dessa forma, para o lazer no espaço público, como o Jardim Secreto, que foi um transporte urbano que a inovação Secretaria de inovação participou. (VIEIRA, 2021)

Agora restava estruturar essa intervenção, que não seria fácil. Como vimos anteriormente a praça RioTeca é complexa, tanto na forma quanto nos usos, desse modo, a requalificação era um desafio.

---

<sup>16</sup> Anomia é um conceito que se refere ao estado social de ausência de regras e normas, onde os indivíduos desconsideram o controle social que rege determinada sociedade.

### 6.4.1 Concepções e Projetos

A arquiteta encarregada do projeto, Vieira (2021), conta que a primeira impressão que teve ao conhecer a RioTeca foi bastante positiva, mas ela acrescenta que, em seu ponto de vista, a paisagem natural acabava por ficar um pouco escondida (figura 35):

A gente nota o potencial que já existe ali, de valorizar a paisagem, isso foi algo que, claro eu não posso me desprender da minha perspectiva de arquiteto e urbanista, então eu cheguei ali e achei um espaço incrível com muito significado, mas também com muita informação, é algo que estava ainda escondendo um pouquinho a paisagem.

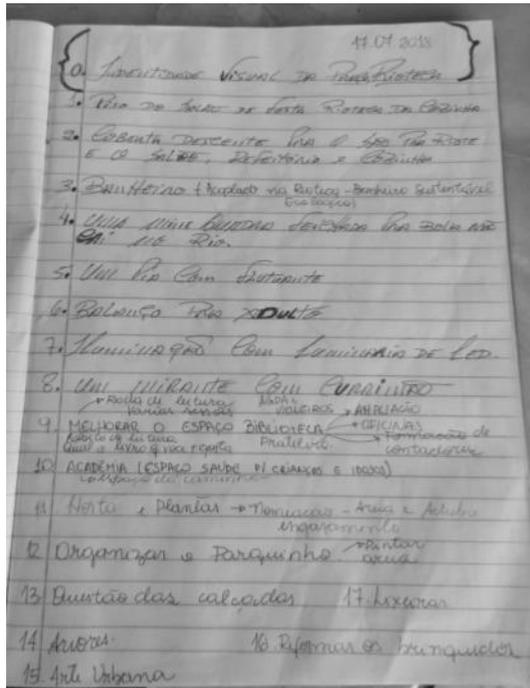
Figura 35 – A linha aponta o caminho para o rio na RioTeca, em vermelho as “barreiras” que dificultavam o acesso ao rio



Fonte: Vieira (2019).

Houveram reuniões entre a PCR, representada pelo grupo de arquitetas, engenheiros e pessoal responsável pela obra, e a comunidade da Vila Santa Luzia, que pôde debater o projeto e apontar caminhos. A primeira reunião foi marcada pela definição do programa de necessidades, formado pelos desejos dos moradores para o espaço (figura 36).

Figura 36 – Lista de demandas da comunidade para a revitalização da RioTeca<sup>17</sup>



## ANSEIOS E DESEJOS DOS MORADORES

- 0- **Identidade visual** da Praça Rioteca
- 1- Piso do salão de festa.
- 2- **Coberta** para o salão de festas.
- 3- Banheiro acoplado na Rioteca
- 4- Quadra fechada
- 5- **Pier**
- 6- Balanço para **adulto**
- 7- **Iluminação** com luminárias Led
- 8- **Mirante** com guarda-corpo
- 9- **Melhorar** o espaço da Biblioteca
- 10- Academia
- 11- **Organizar** o parquinho
- 12- **Calçadas**
13. **Arte Urbana**
- 14- **Reformar** os brinquedos
15. Lixeiras

Imagem: Equipe Imersão Rioteca

Fonte: Vieira (2019).

Segundo a arquiteta responsável, em um segundo momento, já em setembro de 2019, foi iniciado um programa de imersão, que agregou voluntários, desde arquitetos já formados até estudantes de arquitetura. A partir desse programa, os voluntários foram levados para a RioTeca e vivenciaram o espaço a fim de entender as necessidades do local, como também suas especificidades, e foi por meio desse programa que o projeto de requalificação foi sendo delimitado. A ideia do projeto era abarcar todo o terreno disponível para consolidá-lo como público, mas houveram alguns entraves, moradores próximos utilizavam trechos do espaço para estacionar seus carros, alguns moradores não gostavam da praça e o projeto teve algumas dificuldades nesse sentido.

Mas a gente também viu algumas dificuldades, por exemplo: Carros eram estacionados ali naquele espaço, algumas pessoas não gostavam da praça, não queriam a praça, pessoas que moravam na frente... conflitos entre moradores... então a gente começa a entender o território para ver como poderia atuar. Uma coisa que a gente tinha em mente era conquistar todo aquele espaço como público. (VIEIRA, 2021)

<sup>17</sup> A data que aparece no documento dessa reunião é conflitante com o que foi apurado durante a pesquisa, o mais provável é que o ano tenha sido erroneamente descrito como 2018, sendo na verdade 2019, visto que a notificação da PCR à praça RioTeca ocorreu por volta de junho de 2019, e as tratativas da PCR para a intervenção no local ocorreram logo em seguida. Também corroboram com essa tese, as datas lembradas pela arquiteta Sandy Vieira, que apontou durante entrevista, que o programa de imersão que ocorreu logo em seguida à definição do programa de necessidades, no mês de setembro de 2019. “As reuniões com a comunidade para saber o que eles queriam foi um pouquinho antes, acho que deve ter sido não sei se julho... foi bem próximo a notificação, acho que até saiu uma reportagem dizendo que a Secretaria e a prefeitura iam apoiar a realização da RioTeca” (VIEIRA, 2021)

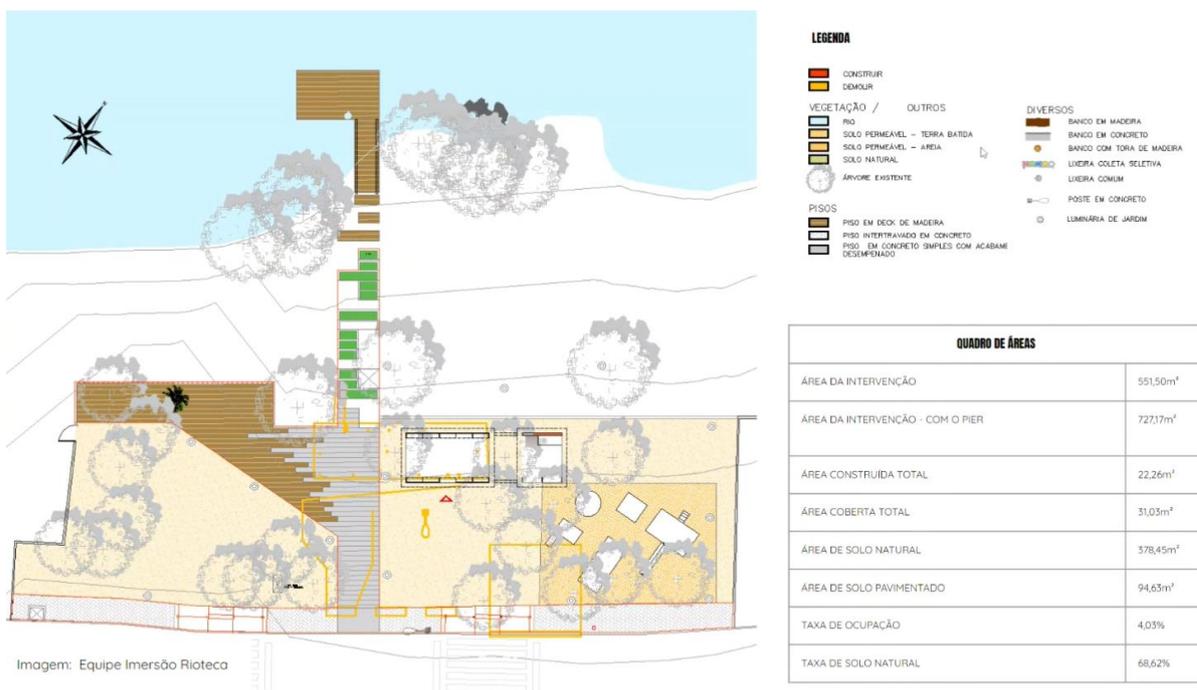
Claudemir conta como foi a recepção ao projeto apresentado pelas arquitetas da PCR. Segundo ele, o primeiro projeto apresentado era bem bonito, mas não estava de acordo com as necessidades da RioTeca e seus usuários: “tiraram a medida de todas as árvores, de todo o espaço. Aí fizeram um projeto, do jeito deles, e vieram apresentar aqui. Aí rapaz... realmente está muito lindo o projeto, mas esse projeto aí não está de acordo com esse local aqui” (SILVA, 2021).

Uma das primeiras intervenções de Claudemir no espaço da RioTeca, como já mencionado, foi o plantio de árvores e a construção de um guarda-sol, medidas que tinham como objetivo projetar sombra e proteger os usuários das adversidades do tempo, permitindo o uso do espaço em todas as estações do ano. Justamente a cobertura, um item básico desse espaço, estava ausente no primeiro projeto apresentado pela PCR.

Cadê a cobertura? "Ah não vai ter não" cobertura não vai ter não?! E como é que a pessoa vai dar uma festa e de repente dá uma chuvada? E aí? Primeiro que tinha a cobertura, do meu jeito, né? Era uma lona aqui. Mas foi do meu jeito, as pessoas usufruí disso aqui. Então, se chover aqui a pessoa vai pra onde? Se não tem a cobertura então deixa do jeito que está. (SILVA, 2021)

O primeiro projeto apresentado (figuras 37 e 38), teve como norte a preservação e valorização do ambiente natural, assim, a proposta seria de um espaço mais “limpo” que trouxesse o rio para perto dos usuários, além disso, a biblioteca receberia um espaço novo, com mais armários, para que os livros fossem armazenados de maneira correta. A estrutura da biblioteca, a priori, seria feita de madeira, material menos agressivo a paisagem natural, outra mudança seria a realocação do parquinho que passaria a ficar do lado oposto de onde já estava, em seu lugar seriam colocadas mesas.

Figura 37 – Planta do primeiro projeto apresentado para os usuários da RioTeca



Fonte: Vieira (2019).

Figura 38 – Renderização do primeiro projeto proposto para a RioTeca, destaque para a biblioteca de madeira e as mesas no lugar original do parque infantil



Fonte: Vieira (2019).

Os desejos da equipe Imersão RioTeca nesse projeto podem ser visualizados na figura 39. As concepções urbanísticas do primeiro projeto eram boas, mas não levavam em

consideração os diversos tipos de uso que o espaço oferecia para a comunidade, a RioTeca original permitia diversas formas de uso, sobretudo pela sua morfologia. Então, foi necessário um debate com os moradores, que apresentaram demandas, e só a partir de reajustes no projeto é que ele foi aceito pela comunidade que utiliza o espaço.

Figura 39 - por Equipe Imersão RioTeca: O que desejamos para a RioTeca



Imagem: Equipe Imersão RioTeca

Fonte: Vieira (2019).

O desejo dos moradores era ver o espaço melhorado, mas mantendo as características originais, a cobertura, as cadeiras, etc. A RioTeca já era um espaço consolidado, isso trouxe dificuldades para os projetistas da requalificação. Vieira (2021) conta que essa interação entre os conceitos urbanísticos que nortearam o projeto inicial e a contrapartida da comunidade a partir de sua experiência com o uso do local, foram muito importantes para que o projeto fosse amadurecendo, e assim, ganhasse uma forma agradável para todos.

Eu acho que um ponto forte desse projeto, é que sim, ele passou por uma crítica, por uma transformação a partir do ponto de vista do morador. Isso foi muito enriquecedor para a gente enquanto a pessoa que estava projetando, foi de muito aprendizado. É muito importante a gente ter esse olhar, eu acho que a gente deu um salto no projeto, foi aí que a gente falou em alvenaria. Eu acho que ficou muito melhor do que estava sendo proposto. Uma cobertura... então assim vou poder utilizar. E aí foi pensado naquele primeiro volume da RioTeca além de ser biblioteca eles têm um espaço para colocarem a mesa do bolo nas festas. (VIEIRA, 2021)

O projeto avançou, seguindo as demandas da comunidade, o parquinho permaneceu no seu lugar original, a biblioteca passou a ser de alvenaria (figura 40), e a coberta também foi incluída no projeto (figura 41). Além disso, foram mantidos conceitos chaves do projeto (figura 42): a varanda mirante para o rio; escadaria de acesso ao rio com patamares; e a biblioteca projetada como uma janela para o Capibaribe. O projeto corrigido foi aprovado em reunião junto à comunidade, e Silva (2021) conta como foi o processo de aprovação, “Aí foi e fizeram outro projeto... e mostraram de novo. Eu disse, pessoal, eu estou de acordo, e vocês aí? O pessoal disse: ‘Se você tá de acordo Claudemir, eu estou junto também’. Pronto, aí eles vieram fazer”.

Figura 40 - Renderização do projeto de requalificação da RioTeca, destaque para a nova biblioteca



Fonte: Vieira, (2020).

Figura 41 - Renderização da praça RioTeca requalificada



Fonte: Viera (2020).

Figura 42 – Principais concepções urbanísticas do projeto de requalificação

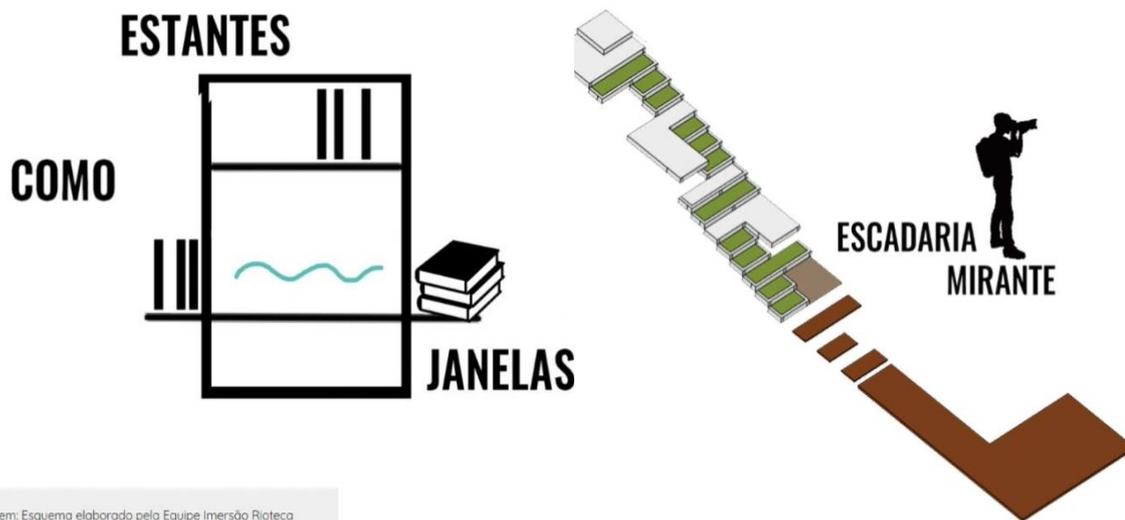


Imagem: Esquema elaborado pela Equipe Imersão Rioteca

Fonte: Viera (2019).

Notas: Adaptado pelo autor (2021).

#### 6.4.2 *As obras de requalificação*

A obra de requalificação da praça RioTeca iniciou em janeiro de 2020, mas devido ao período de lockdown imposto pelo Governo de Pernambuco em decorrência da pandemia da Covid-19, a obra foi interrompida em março, e só foi retomada em setembro do mesmo ano. A praça revitalizada foi entregue a comunidade de Santa Luzia no dia 30 de dezembro de 2020. Durante a obra, a figura do morador, que durante mais de uma década modificou o espaço e deu a ele função social na comunidade, passou a ser o fiscal (figura 43), cobrando os trabalhadores da obra, outras vezes apoiando e ajudando no andamento do serviço, é o que conta o engenheiro responsável, Nigro (2021):

Com relação a Claudemir, ele trabalhava de 2 maneiras lá, tanto como um apoio para a gente, por exemplo, ‘a tomada está precisando de 1 parafuso específico, uma chave de fenda...’ então ele dava esse apoio. E também trabalhava querendo ou não, como uma fiscalização, porque ele estava lá o tempo todo, ele que criou o local então ele tem um carinho muito grande. E realmente tudo que a gente realizava ele olhava, se acontecesse alguma coisa ele falava comigo, que eu estava mais responsável lá diariamente. Então ele trabalhava com essas duas funções, tanto fiscalização, como apoio.

Figura 43 – Morador acompanha as obras da RioTeca



Fonte: Barbosa (2020)

A obra avançou, e após um ano sem a praça, a comunidade da Vila Santa Luzia pôde voltar a frequentar o espaço, agora requalificado. A mudança morfológica da praça, é também uma possibilidade de mudança nos usos.

#### 6.4.3 *RioTeca inicial x RioTeca requalificada*

A obra de requalificação da RioTeca, passou por uma construção colaborativa junto à comunidade que utiliza o espaço, isso deu ao projeto uma certa legitimidade, mas será que essa obra de requalificação além de mudar a morfologia da praça também alterou os modos de uso desse espaço? Já foi discutido, que as diversas formas de uso que o espaço ofertava, eram possibilitadas justamente pela organização espacial da praça, que com suas mesas e cadeiras livres permitia que o espaço se moldasse à forma de uso que fosse desejada. Essa uma das principais características da RioTeca construída por Claudemir, que se adequava ao modo de uso de quem frequentava a praça. A nova RioTeca, por outro lado, não dispõe das mesmas mesas e cadeiras, ou seja, da mesma mobilidade.

A equipe da PCR catalogou em um inventário as mesas, bancos, cadeiras, brinquedos e outros equipamentos disponíveis na praça, descrevendo o estado de conservação desses itens. Segundo a arquiteta, elas seriam reutilizadas na nova praça, porém, houve algum desencontro de comunicação entre Claudemir e a equipe responsável, e o morador acabou “dando fim” as mesas e cadeiras. Consta no inventário os equipamentos que seriam reaproveitados, os que ficariam em análise e os que seriam retirados da praça, inclusive constando os reparos necessários para o reuso.

Aquela morfologia da praça que foi construída pelo morador, ficou no passado. A intervenção da PCR deu ao espaço uma nova roupagem, a RioTeca passou a se assemelhar à espaços públicos de origem do poder público, de certa forma poucos foram os elementos mantidos para preservar a memória da construção e consolidação desse espaço público. Assim como o parque infantil, um elemento que continuou no espaço foi a placa “RioTeca” (figura 45) que é a mesma da praça anterior.

Figura 44 - Placa RioTeca na nova estrutura da praça



Fonte: O autor (2021).

No mais, a RioTeca requalificada é um novo espaço público que emerge na cidade do Recife, e que foi bem aceito pelos usuários e pelo seu idealizador, Claudemir, e a comunidade segue sendo beneficiada por esse espaço público, agora, regularizado. Todavia, nem tudo que foi prometido no projeto foi entregue, o píer por exemplo não foi instalado na praça, e talvez

não seja, sendo informado pelos representantes da PCR que o flutuante não coube nos recursos destinados para a obra. Além disso, foi informado pelo engenheiro Rafael Nigro, que a conta de luz da praça ainda não está 100% regularizada, normalmente, a tarifa de luz de espaços públicos é quitada pela Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (EMLURB), mas essa é uma situação que ainda não atende a RioTeca.

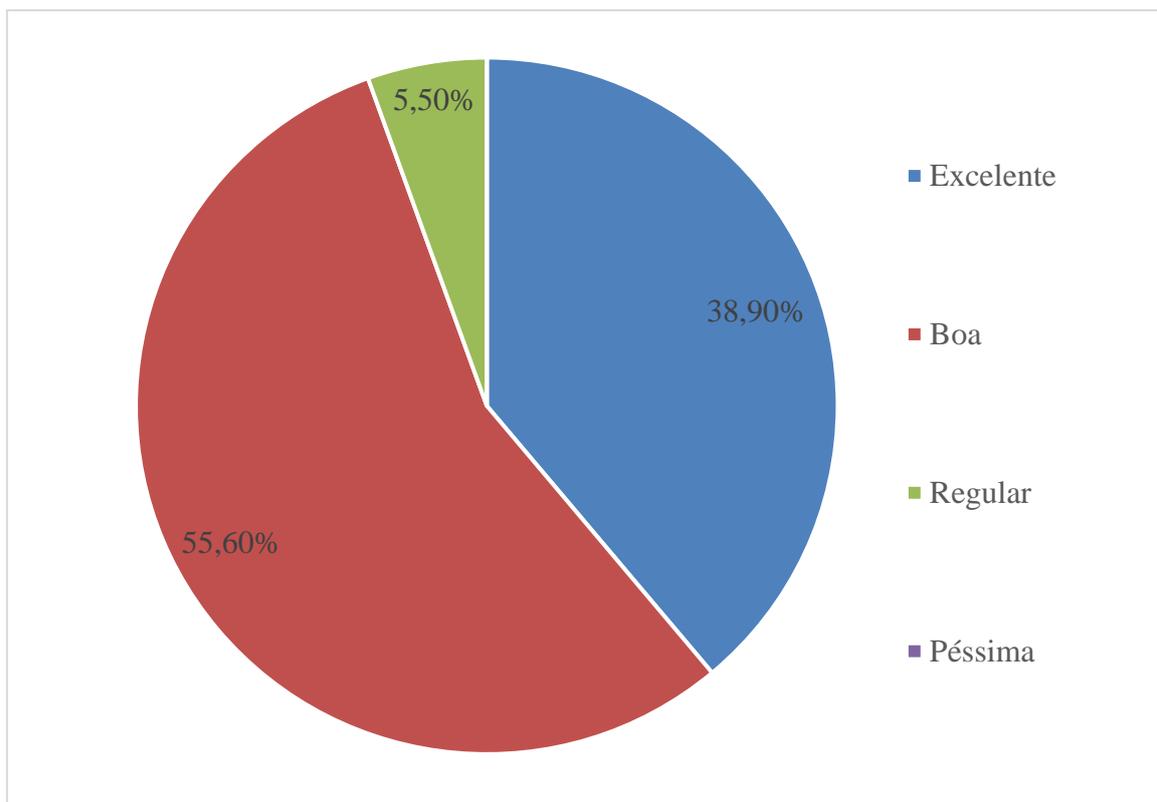
A praça RioTeca foi oficialmente reinaugurada no dia 23 de abril de 2021, a festividade contou com a presença do atual Prefeito da cidade João Campos, além de outras figuras políticas. Mas questões básicas de limpeza e conservação do espaço seguem sendo feitas por Claudemir, que afirmou não receber nada para executar esses serviços. A ENLURB colocou a praça na rota de limpeza, mas segundo Claudemir, apenas um gari é mandado para a praça, que não consegue atender todas as demandas do local. Então, por mais que a praça tenha sido requalificada com a intenção de promover uma regulamentação do local, essa meta não foi alcançada em sua plenitude, o que se espera é que esse cenário vá se acertando posteriormente.

Contudo, conforme apurado por meio de questionário aplicado com usuários da RioTeca em parceria com a pesquisadora Maria Beatriz<sup>18</sup>, a obra de requalificação teve boa aceitação popular. Com relação a estrutura da praça, como pode ser observado no gráfico 46, mais da metade dos inquiridos afirmaram que a estrutura da praça é boa, foi considerada excelente por pouco menos de 40%, e regular por uma pequena minoria, nenhum dos respondentes avaliou a estrutura como péssima.

---

<sup>18</sup> Maria Beatriz de Souza Silva é estudante do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – Campus Recife; e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com a pesquisa “Direito à cidade, urbanismo tático e espaço público: análise de algumas ações no Recife” com coordenação do Prof. Dr. Adauto Gomes (IFPE) e Prof. Dr. Wedmo Teixeira (IFPE). O questionário da RioTeca foi elaborado e aplicado em parceria com o autor.

Gráfico 5 – Avaliação da estrutura física da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021

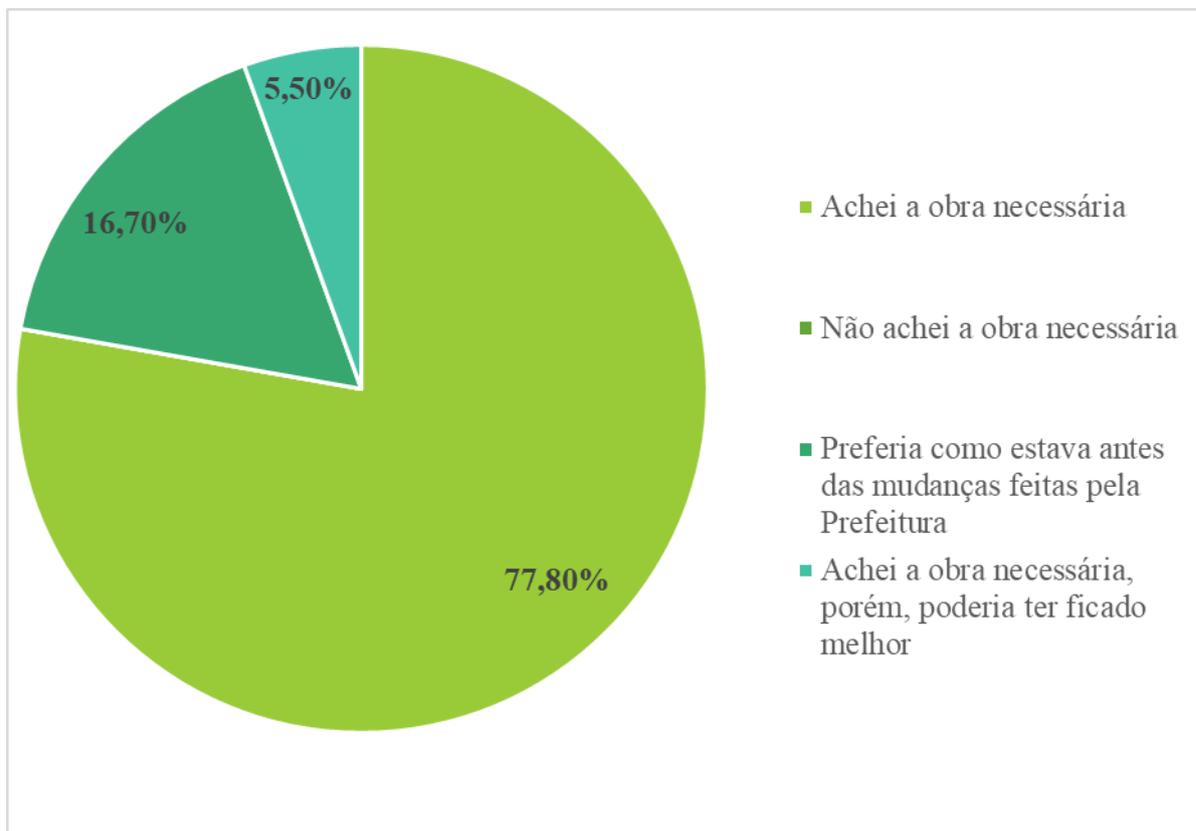


Fonte: O autor (2021).

Notas: Aplicação de questionário com usuários da praça RioTeca, jun./jul 2021.

Existem algumas pessoas que preferiam a praça em sua configuração e morfologia original, mas é uma minoria. A maior parte dos questionados afirmaram que a obra de requalificação foi sim necessária (Gráfico 2), e nenhum dos ouvidos achou desnecessária a requalificação.

Gráfico 6 – Avaliação da necessidade da obra de requalificação da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021

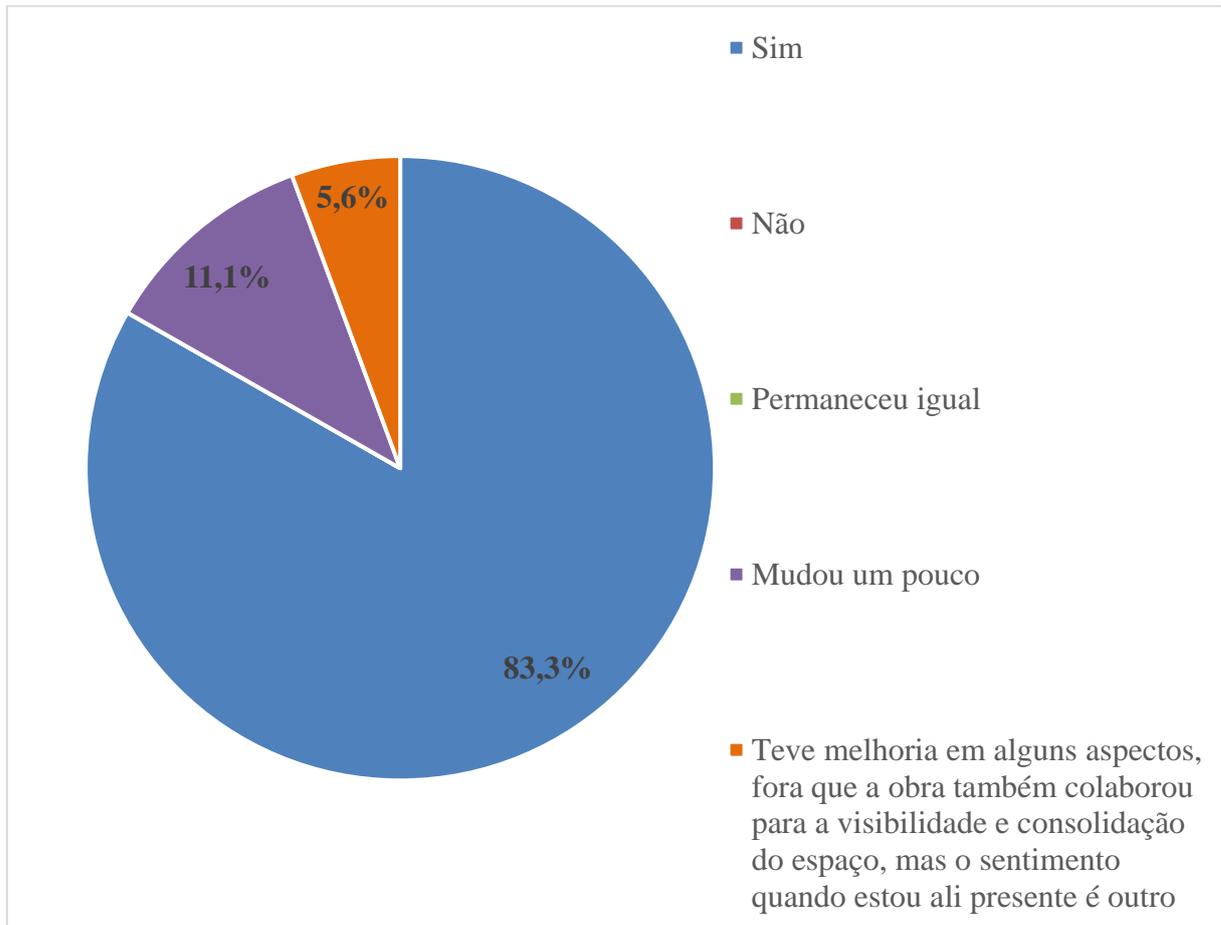


Fonte: O autor (2021).

Notas: Aplicação de questionário com usuários da praça RioTeca, jun./jul 2021.

Como aparece no gráfico 3, para a maioria dos usuários da praça RioTeca, após as mudanças feitas pela PCR o espaço melhorou. Com uma ressalva para a resposta de uma pessoa, que fez um comentário afirmando que o seu sentimento quando está presente na RioTeca é outro após a requalificação.

Gráfico 7 – Avaliação das mudanças da praça RioTeca, segundo os usuários – 2021



Fonte: O autor (2021).

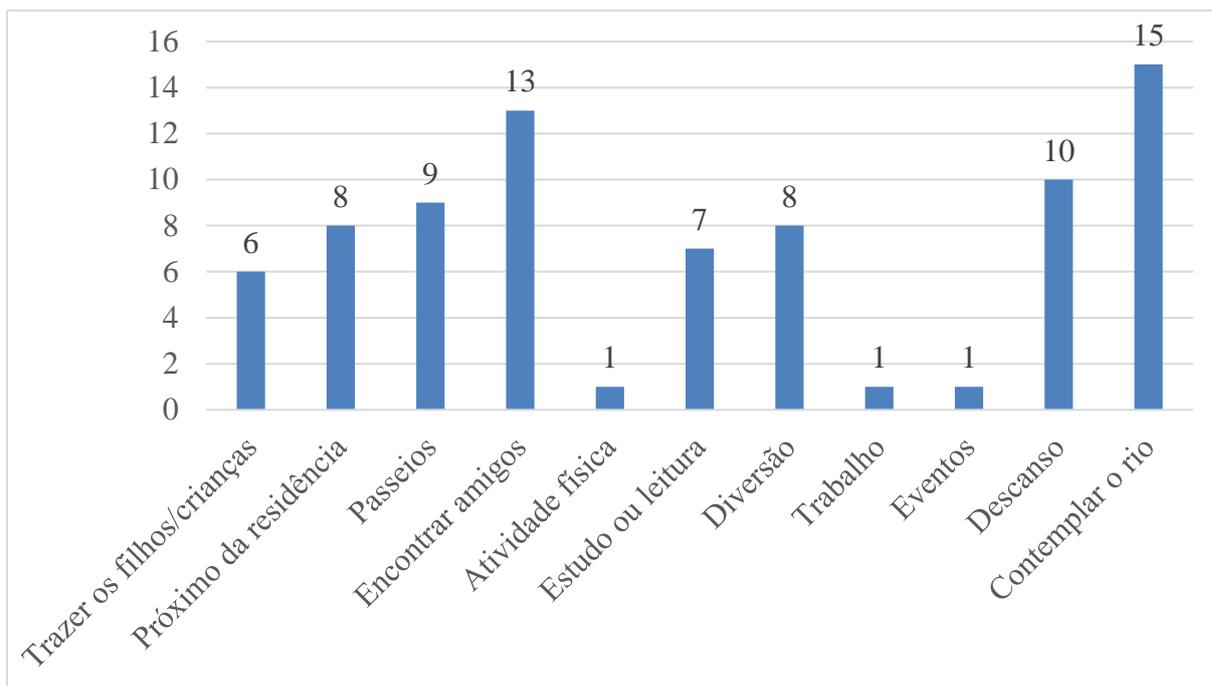
Notas: Aplicação de questionário com usuários da praça RioTeca, jun./jul 2021.

Por fim, mesmo com as alterações, a praça RioTeca seguiu com uma ampla gama de uso e sendo um espaço público de lazer de grande importância para os moradores da Vila Santa Luzia e agora para toda a cidade do Recife. A praça requalificada reforçou a importância da leitura. Em um espaço mais amplo depois da requalificação, a biblioteca passou a ser mais utilizada, e a maior amplitude do espaço também proporcionou outras atividades que não aconteciam na praça original como a prática de exercícios físicos. O rio, agora mais visível na paisagem da praça, passou a ser mais contemplado pelos usuários da RioTeca, assim o espaço maximizou algumas formas de uso e renovou a possibilidade de novas mudanças.

Por outro lado, é inegável que houveram mudanças nos usos, mas algumas foram inviabilizadas pela ausência ou diminuição de determinados equipamentos na praça, a exemplo das cadeiras e mesas que agora existem em menor número, não permitindo que as pessoas peguem cadeiras e as levem para a beira do rio e a ausência da televisão no espaço, que por vezes foi um dos principais atrativos da praça para alguns usuários.

As principais motivações que levam as pessoas para a praça RioTeca atualmente podem ser observadas no gráfico 4, que apresentou questões como: levar os filhos, passeios, estudo/leitura, descanso, contemplar o rio; dentre outras alternativas que poderiam ser atividades exercidas no local.

Gráfico 8 – Principais atrativos da praça RioTeca, segundo seus usuários – 2021



Fonte: O autor (2021).

Notas: Aplicação de questionário com usuários da praça RioTeca, jun./jul 2021.

Em resumo, o gráfico 4 aponta os diversos usos que a RioTeca proporciona. A contemplação do rio Capibaribe foi o item mais escolhido pelos usuários. A valorização da beleza natural foi uma das concepções que nortearam o projeto de requalificação da RioTeca, desse modo, foi valorizada a presença do Capibaribe na praça. Outra atividade em destaque é o encontro dos amigos, corroborando com a ideia de que a praça é por excelência o local para o encontro, socialização e lazer. A RioTeca consegue cumprir esse papel, sendo um espaço requisitado também para a diversão e passeios. A tranquilidade do espaço e o contato com a natureza são estímulos para que os usuários recorram à praça para o descanso e passeios com os filhos que aproveitam o parque infantil. É verdade que após a requalificação a praça tenha passado a ser mais conhecida e frequentada por pessoas de outros bairros, mas, ainda, são os moradores da Vila Santa Luzia que mais utilizam o espaço, principalmente pela proximidade da residência.

Contudo, o potencial da biblioteca urbana ainda não é alcançado em sua plenitude, ainda faltam incentivos do poder público para que esse importante equipamento seja mais utilizado pela população. Porém, atualmente, a biblioteca não cumpre apenas um papel simbólico na praça, mas um papel prático. A obra de requalificação colocou a biblioteca no coração da praça, sempre visível, exercendo um papel relevante para estudos e promoção de leituras na comunidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio urbano é complexo e cheio de possibilidades. O Estado, principal agente motor das transformações urbanas, se encarrega de dialogar com a realidade mutável das cidades, e nem sempre é capaz de resolver os problemas existentes. A inovação surge da necessidade de se alcançar um objetivo, de se resolver um problema, e em casos de sucesso é de bom tom a valorização dos meios pelos quais a ação foi eficaz.

A praça RioTeca tem sua origem na relação conflituosa de uma favela, os problemas sociais enfrentados pela comunidade geraram a motivação da atuação popular na construção do daquele espaço público. Ao longo do trabalho foram contextualizadas as formas de ocupação e uso do solo na margem direita do Rio Capibaribe, na Vila Santa Luzia, bairro da Torre em Recife. Este primeiro momento foi importante para constatar uma conjuntura que despertou nos moradores a vontade de territorializar o espaço, cumprindo o papel que deveria ser do Estado. Porém, ressaltada a relevância da participação popular na construção do meio urbano nas cidades, o destaque fica para as táticas urbanas utilizadas pelo morador Claudemir iniciar a implantação de elementos que configuraria a praça da RioTeca.

A intencionalidade política dos elementos adicionados ao espaço da praça foram fundamentais para a consolidação da RioTeca. A biblioteca e o parque infantil, as duas principais ações, cumprem papéis importantes em escalas diferentes: o simbólico para o externo e o prático para o interno. No Recife, existem outras favelas margeando o Rio Capibaribe, seriam estes espaços possíveis para a replicação das táticas desenvolvidas na RioTeca? É uma possibilidade, na realidade, umas das principais vantagens do Urbanismo Tático é a sua possibilidade de reprodução. Existem vários exemplos mundo a fora de ações que foram replicadas e tiveram êxito. Cabe ao Estado voltar seus olhares para ações que partem da sociedade civil, são de baixo custo e geram grandes impactos positivos.

O combate às mazelas sociais tem se mostrado ineficaz por parte do Estado e, por vezes, é a violência nos grandes centros urbanos que demonstra uma clara ausência de poder. Existem outras formas de se buscar soluções para os problemas urbanos. São as favelas os espaços mais carentes de cultura e lazer, e a oferta de espaços públicos, realmente focados na promoção da cidadania e valorização do ser, pode ser um caminho viável para esses lugares que estão imersos nas consequências das políticas de ausência do Estado neoliberal. Por isso, a realidade positiva gerada pela RioTeca fica como exemplo de uma outra forma de se pensar o espaço público,

utilizando elementos simbólicos e práticos que interagem entre si e interferem diretamente nas relações sociais da localidade em que estão inseridas. Esses espaços podem servir de inquietação para os planejadores urbanos e até mesmo para a própria população que passe a tomar as rédeas da construção da cidade.

Todavia, este trabalho não teve a pretensão de responder todas as questões sobre a RioTeca, muita coisa ficou de fora. Por mais que a praça seja considerada pela maioria dos entrevistados para esta pesquisa um equipamento bastante aceito na comunidade, ainda existem moradores que não enxergam de maneira positiva a praça. Um espaço público com tantos atrativos acaba atraindo muita gente, o barulho, as festas, o uso de drogas, etc. são questões passíveis de discussão, mas que acabaram não fazendo parte dessa pesquisa. Por isso, esse trabalho trás para academia um objeto relevante para os estudos da geografia urbana, sendo passível de gerar outras pesquisas que contemplem espaços públicos da cidade do Recife.

Além disso, o território onde está inserida a praça RioTeca segue em constante desenvolvimento, é de fato uma outra possibilidade de estudo que emerge, já que os moradores seguem a corrida pelo território com a implementação de ações práticas que modificam a paisagem do bairro.

Por fim, após um longo processo de pesquisa em um período pandêmico e cheio de instabilidades políticas, foi possível identificar e compreender as táticas de criação da RioTeca, seus obstáculos e avanços, finalizando no processo de análise da obra de requalificação.

## REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, E. Em que a vida na favela é melhor do que em um conjunto de apartamentos? O caso de Abençoada por Deus, Recife. *In: Encontro Nacional de Anppas*, V, 2010, Florianópolis-SC, p. 2-13, 4-7 outubro de 2010.
- ALMEIDA, J. O inflamável teor das favelas. **Marco Zero Conteúdo**, Recife, 29, jul. 2016. Disponível em: <https://marcozero.org/o-inflamavel-teor-das-favelas> Acesso: em 20 ago. 2021.
- BILL, M. Causa e Efeito. *In: BILL, M. Causa e Efeito*. Rio de Janeiro: Chapa Preta, 2010. Faixa 1. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mv-bill/1650367/> Acesso: 10 ago. 2021.
- BORJA, J.; MUXÍ, Z. El espacio público: ciudad y ciudadanía. **Diputació de Barcelona**, Barcelona, p. 5-109. 2003.
- BRASIL. **Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm) Acesso em: 19 ago. de 2021.
- SILVA, C. A. **Sem título**. [Entrevista concedida a] Helder Lopes Cavalcanti. Recife, julho de 2021.
- COSME, J. Comunidade Via Mangue teme um novo incêndio. **LeiaJá**. Recife, 19 de fev. de 2016. Disponível em: <https://m.leiaja.com/noticias/2016/02/19/comunidade-mangue-teme-um-novo-incendio/>. Acesso em: set. 2021.
- FREIRE, J. Urbanismo emergente: ciudad, tecnología e innovación social. **Paisajes Domésticos**, Espanha, p. 18-27, 2010. Disponível em: <https://nomada.blogs.com/jfreire/2010/03/urbanismo-emergente-ciudad-tecnologa-e-innovacin-social.html> Acesso: 13 jun. 2021.
- GOMES, P. C. C. Espaços públicos: um modo de ser do espaço. *In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (org.). Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-41.
- GOMES, P. C. C. Espaço público, Espaços Públicos. **GEOgraphia**. Universidade Federal Fluminense, Niterói. v. 20, n. 44, p. 115-118, 2018.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. Universidade Federal Fluminense, Niterói. v. 9. n. 17, p. 19-45, 2007.
- HARVEY, D. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes selo Martins, 2014.

JAMILDO. Prefeitura e Governo Federal inauguram primeira obra do PAC em Pernambuco. **Jornal do Comercio**, Recife, 11 de jul. de 2008. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2008/07/11/prefeitura-e-governo-federal-inauguram-primeira-obra-do-pac-em-pernambuco/index.html>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

JORNAL, C. O. Das Palafitas às Ilhas de Concreto. Youtube, 5 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wd33mJ08Ioo&t=1s>. Acesso em: 28 ago. 2021.

LAMAS, J. M. R. G. Os elementos morfológicos do espaço urbano. In: LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 79-110.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MACÊDO, A. F; ALMEIDA, A. M. O espaço público frente ao urbanismo tático: o caso das Praias do Capibaribe. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

MENDES, G. Câmara aprova PL que altera proteção da margem de rios em áreas urbanas. Congresso em Foco. **Uol**. 25 de ago. de 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/camara-aprova-pl-que-altera-protecao-da-margem-de-rios-em-areas-urbanas/> Acesso em: 25 ago. 2021.

MESQUITA, R. G. **Os espaços públicos e o direito à cidade**. 2018. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, Erechim, 2018.

NIGRO, R. **Sem título**. [Entrevista concedida a] Helder Lopes Cavalcanti. Recife, julho de 2021.

NOGUEIRA, P. C. E. Urbanismo tático e intervenções urbanas: aderências e deslizamentos. **Arcos Design**. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição Especial. outubro 2017. pp. 89-101. Disponível em: <http://ww.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign> Acesso em: 30 ago. 2021.

PARQUE C. **Jardim do Baobá**. Recife, SD. Disponível em: <http://parquecapibaribe.org/jardim-do-baoba/> . Acesso em: 12 ago. 2021.

PARQUE C. **O que é o Parque Capibaribe?** Recife, SD. Disponível em: <http://parquecapibaribe.org/> Acesso em: 12 ago. 2021.

PAZ, J. Diário Urbano: Incêndio desabrigou cerca de cem famílias da Vila Santa Luzia. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2016/12/diario-urbano-incendio-desabrigou-cerca-de-cem-familias-da-vila-santa.html>. Acesso em: 28 ago. 2021.

PREFEITURA R. **Recife Sem Palafitas**. Recife, SD. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/recifeseempalafitas/index.php>. Acesso em: ago. 2021.

PREFEITURA R. RioTeca da Vila Santa Luzia recebe apoio da Prefeitura do Recife e está totalmente requalificada. **Secretaria de Inovação Urbana**. Recife. 20 de abril de 2021. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/node/292478> Acesso em: 28 ago. 2021.

PREFEITURA R. Jardim do Baobá. **Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Recife, SD. Disponível em: <http://meioambiente.recife.pe.gov.br/jardim-do-baoba>. Acesso em: ago. 2021.

PREFEITURA notifica pracinha comunitária às margens do Rio Capibaribe. **Jornal do Comercio**, Recife, 13 de junho de 2019. Da Editoria Cidades. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/06/13/prefeitura-notifica-pracinha-comunitaria-as-margens-do-rio-capibaribe-380947.php> Acesso em: 13 de setembro de 2021.

RECIFE. Famílias de Abençoada por Deus começam a ser transferidas. **Secretaria de Habitação**. Recife, [2007]. Disponível em: [http://www.recife.pe.gov.br/2008/07/08/mat\\_163019.php](http://www.recife.pe.gov.br/2008/07/08/mat_163019.php). Acesso em: ago. 2021.

RECIFE. **Lei complementar nº 2, de 23 de abril de 2021**. Institui o Plano Diretor do Município do Recife, revogando a Lei Municipal nº 17.511, de 29 de dezembro de 2008. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2008. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-recife-pe>. Acesso em: ago. de 2021.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, C. A. [Sem título]. Recife, 2010-2019. Acervo iconográfico particular. 1 PEN DRIVE.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, M. A. A.; BITOUN, J. Introdução: transformações na ordem urbana da RMC. In: SOUZA, M. A. A.; BITOUN, J. (org.) **Recife: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. Disponível em: [https://observatoriodasmetrololes.net.br/arquivos/biblioteca/abook\\_file/serie\\_ordemurbana\\_recife.pdf](https://observatoriodasmetrololes.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/serie_ordemurbana_recife.pdf) Acesso em: 22 out. 2021.

SPOSITO, E.; SAQUET, M. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n.38, p. 84-112, 2016.

VIEIRA, S. [Sem título]. Recife, 2019. Acervo particular.

VIEIRA, S. **Sem título**. [Entrevista concedida a] Helder Lopes Cavalcanti. Recife, julho de 2021.

ZYLBERBERG, S. **Morro da Providência: memórias da favela**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

## APÊNDICE A – PAUTA DAS ENTREVISTAS (AGENTES RELEVANTES)

### PAUTA I

#### Entrevista com Claudemir Amaro da Silva

##### Questões referentes as táticas de criação da RioTeca

1. O que existia no lugar antes da RioTeca?
  2. O que lhe motivou a intervir na beira do Rio e porque uma praça?
  3. Como se deu o processo inicial da RioTeca e em que ano aconteceu a primeira intervenção? (ações práticas)
  4. Qual foi o papel da vizinhança no processo de criação da RioTeca? (quem participou e como)
  5. Sobre a construção da praça, em ordem cronológica, quais equipamentos foram instalados primeiro para a criação da praça?
  6. A retomada da favela serviu de alguma forma como combustível para que você intervisse no espaço da RioTeca?
  7. Como surgiu a ideia de instalação de uma biblioteca na praça e em que ano isso aconteceu?
  8. Discorra um pouco mais sobre a biblioteca, como foi montado o acervo? qual seu impacto na comunidade?
  9. Ouve conflitos de interesse pelo terreno durante o processo de criação da praça? Caso sim, quais?
  10. Quais foram suas táticas e ações práticas que garantiram a praça RioTeca?
  11. Como se dá sua relação com os usuários da praça? (pontos positivos, conflitos, formas de uso)
- PODER PÚBLICO
12. Com relação a limpeza e conservação do espaço, o poder público participou da limpeza e conservação da RioTeca construída por você? Caso não, quem cuidava do local?
  13. Com relação a segurança, o poder público foi garantidor da segurança da praça RioTeca original?
  14. Como você garante a segurança dos usuários da RioTeca (lembrar das câmeras)?

15. Você acha que a RioTeca pode servir de exemplo para os planejadores urbanos? \*\*
16. O que torna a RioTeca à RioTeca?

### **Segunda sessão: Questões referentes a afetividade com o lugar**

1. O que a RioTeca significa para você? \*
2. Quais benefícios a RioTeca trouxe para você e para a comunidade? \*
3. A relação entre a comunidade e o rio Capibaribe mudou através da RioTeca? \*
4. Qual o sentimento que a RioTeca gera em você? \*

### **Terceira sessão: Questões referentes à requalificação**

1. Como se deu a aproximação com Claudemir e com a comunidade?
2. Você achou necessária a obra de requalificação da Prefeitura? \*
3. O projeto de requalificação foi discutido com você e com a comunidade antes de seu início? Caso sim, a discussão foi suficiente? \*
4. (teve demandas? as demandas foram atendidas?) \*
5. A obra atendeu as expectativas? \*
6. Sobre os elementos que foram perdidos, a RioTeca perdeu um pouco de sua originalidade? \*
7. O que mudou da RioTeca original para a nova RioTeca? \*
8. A biblioteca passou a ser mais utilizada após a requalificação? \*
9. O Rio Capibaribe passou a ser mais contemplado após a requalificação? \*

## **PAUTA II**

### **Entrevista com Sandy Vieira e Rafael Nigro**

#### **Questões referentes à requalificação**

1. Qual foi a primeira impressão ao conhecer a RioTeca?
2. Quando e como surgiu o projeto inicial de requalificação da RioTeca? O que motivou a PCR a intervir no espaço?

3. Como se deu a aproximação com Claudemir e com a comunidade?
4. Quais foram as concepções que nortearam o projeto? Como foi o processo de decisão projetual? Vocês conheciam a história da RioTeca? e se essa história interferiu no projeto?
5. O projeto de requalificação foi discutido com a comunidade antes de seu início? Caso sim, a discussão foi suficiente? \*
6. (teve demandas? as demandas foram atendidas?) \*
7. O que mudou da RioTeca original para a nova RioTeca? \*
8. A obra atendeu as expectativas?
9. Sobre os elementos que foram perdidos, a RioTeca perdeu um pouco de sua originalidade? \*
10. Questões referentes a coberta e cadeiras
11. Levando em consideração a obra original de Claudemir que contava com muitos materiais reciclados, a PCR ao intervir teve alguma diretriz visando utilizar materiais sustentáveis?
12. Você achou necessária a obra de requalificação da Prefeitura?
13. A requalificação do espaço serve de incentivo para a apropriação do espaço por parte dos moradores?
14. Qual sua visão sobre iniciativas populares de intervenção urbana (urbanismo tático)?
15. Como a obra de requalificação pensou em atender os diversos usos da RioTeca? (Festas, reuniões em grupos, lazer para das crianças, leitura, assistir, etc...)
16. A biblioteca passou a ser mais utilizada após a requalificação? \*
17. O Rio Capibaribe passou a ser mais contemplado após a requalificação? \*
18. Quais materiais foram utilizados para lembrar o projeto original?
19. O píer, flutuante, se vai ser instalado no local?

### **Questões referentes a afetividade com o lugar**

1. O que a RioTeca significa para você? \*
2. A relação entre a comunidade e o rio Capibaribe mudou através da RioTeca? \*
3. Qual o sentimento que a RioTeca gera em você? \*